

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA  
Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica - 2005/2007

Tese de Mestrado

**“Vítimas e Agressores de «Bullying» Escolar”**

Ana Patrícia Fernandes de Campos Ribeiro Gonçalves, Aluna n.º 14111

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Sá

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Setembro 2009

## ÍNDICE GERAL

➤ 1 – Resumo	Pág. 1
➤ 1 – Abstract	Pág. 1
➤ 2 – Agradecimentos	Pág. 2
➤ 3 – Introdução	Pág. 3
➤ 4 – Enquadramento Teórico	Pág. 5
➤ 4.1 – Agressividade, violência e «bullying»	Pág. 5
➤ 4.2 – «Bullying»	Pág. 7
➤ 4.3 – A prevalência do «bullying»	Pág. 12
➤ 4.4 – Características dos provocadores e das vítimas	Pág. 13
➤ 4.5 – As consequências do «bullying»	Pág. 17
➤ 4.6 – As escolas e o «bullying»	Pág. 18
➤ 4.7 – Estratégias de intervenção no «bullying»	Pág. 19
➤ 5 – Pertinência do estudo	Pág. 22
➤ 5.1 – Problema	Pág. 22
➤ 5.2 – Questões de Investigação	Pág. 22
➤ 6 – Procedimentos	Pág. 25
➤ 6.1 – Instrumentos	Pág. 25
➤ 6.2 – Caracterização da Amostra	Pág. 26
➤ 6.3 – Procedimentos	Pág. 28
➤ 7 – Apresentação e Análise dos Resultados	Pág. 31
➤ 8 – Conclusão	Pág. 56
➤ 9 – Referências Bibliográficas	Pág. 64
➤ 10 – Anexos	Pág. 66

## ÍNDICE DE QUADROS

- Quadro número 1: Frequências e percentagens dos alunos distribuídos em termos de envolvimento em situações de «bullying» escolar Pág. 31
- Quadro número 2: Frequências e percentagens dos alunos do 2.º ciclo e 3.º ciclo envolvidos em situações de «bullying» escolar Pág. 32
- Quadro número 3: Frequências e percentagens dos alunos envolvidos em situações de «bullying» escolar relativamente ao género Pág. 33
- Quadro número 4: Frequências e percentagens de alunos do «Grupo Normativo» que possuem um ambiente familiar marcado pela violência dirigida aos mesmos, distinguindo o agressor (mãe e pai) e o ciclo de escolaridade Pág. 35
- Quadro número 5: Frequências e percentagens de alunos do «Grupo de Agressores» que possuem um ambiente familiar marcado pela violência dirigida aos mesmos, distinguindo o agressor (mãe e pai) e o ciclo de escolaridade Pág. 36
- Quadro número 6: Frequências e percentagens de alunos do «Grupo de Agredidos» que possuem um ambiente familiar marcado pela violência dirigida aos mesmos, distinguindo o agressor (mãe e pai) e o ciclo de escolaridade Pág. 37
- Quadro número 7: Frequências e percentagens de alunos do «Grupo de Agredidos e Agressores» que possuem um ambiente familiar marcado pela violência dirigida aos mesmos, distinguindo o agressor (mãe e pai) e o ciclo de escolaridade Pág. 38
- Quadro número 8: Frequências e percentagens de como os alunos do «Grupo Normativo» sentem a escola como um lugar seguro Pág. 39
- Quadro número 9: Frequências e percentagens de como os alunos do «Grupo de Agressores» sentem a escola como um lugar seguro Pág. 40
- Quadro número 10: Frequências e percentagens de como os alunos do «Grupo de Agredidos» sentem a escola como um lugar seguro Pág. 40
- Quadro número 11: Frequências e percentagens de como os alunos do «Grupo de Agredidos e Agressores» sentem a escola como um lugar seguro Pág. 41
- Quadro número 12: Frequências e percentagens de alunos que consomem ou não drogas, consoante o grupo a que pertencem no que respeita ao seu envolvimento em violência escolar Pág. 43

- Quadro número 13: Frequências e percentagens de alunos que consomem ou não tabaco, consoante o grupo a que pertencem no que respeita ao seu envolvimento em violência escolar Pág. 43
- Quadro número 14: Frequências e percentagens de alunos que consomem ou não álcool, consoante o grupo a que pertencem no que respeita ao seu envolvimento em violência escolar Pág. 44
- Quadro número 15: Frequências e percentagens de como os sujeitos do 2.º ciclo têm como sintoma físico dor de cabeça Pág. 45
- Quadro número 16: Frequências e percentagens de como os sujeitos do 3.º ciclo têm como sintoma físico dor de cabeça Pág. 46
- Quadro número 17: Frequências e percentagens de como os sujeitos do 2.º ciclo têm como sintoma físico dor de estômago Pág. 46
- Quadro número 18: Frequências e percentagens de como os sujeitos do 3.º ciclo têm como sintoma físico dor de estômago Pág. 47
- Quadro número 19: Frequências e percentagens de como os sujeitos do 2.º ciclo têm como sintoma psicológico depressão e tristeza Pág. 47
- Quadro número 20: Frequências e percentagens de como os sujeitos do 3.º ciclo têm como sintoma psicológico depressão e tristeza Pág. 48
- Quadro número 21: Frequências e percentagens de como os sujeitos do 2.º ciclo têm como sintoma psicológico o nervosismo Pág. 49
- Quadro número 22: Frequências e percentagens de como os sujeitos do 3.º ciclo têm como sintoma psicológico o nervosismo Pág. 49
- Quadro número 23: Frequências e percentagens de alunos que sofrem de violência física directa comparando sujeitos mais novos e mais velhos e dentro destes comparando também consoante o seu género Pág. 51
- Quadro número 24: Frequências e percentagens de alunos que sofrem de violência verbal e indirecta comparando sujeitos mais novos e mais velhos e dentro destes comparando também consoante o seu género Pág. 52
- Quadro número 25: Frequências e percentagens de alunos que sofrem de violência relacional comparando sujeitos mais novos e mais velhos e dentro destes comparando também consoante o seu género Pág. 52
- Quadro número 26: Frequências e percentagens de como os alunos consideram o estatuto sócio-económico da sua família, comparando os grupos de alunos quanto ao seu envolvimento em violência escolar Pág. 54

## 1 - RESUMO

Este estudo apresenta a frequência com que o «bullying» escolar atinge os alunos de uma escola, dividindo-os entre indivíduos que não se envolvem em violência escolar, agressores e agredidos (passivos ou provocadores). Caracteriza cada um dos grupos e verifica a influência das seguintes variáveis: idade; gênero; segurança no ambiente escolar; violência paterna contra os sujeitos; consumo de substâncias aditivas; sintomas físicos e psicológicos; tipos de violência e estatuto sócio-económico. Os dados são obtidos através de um questionário de auto-preenchimento (Questionário de Comportamentos de Saúde em Crianças e Jovens em Idade Escolar) aplicado a alunos do 2.º e 3.º ciclo de escolaridade.

Palavras Chave: «bullying» escolar; agressores; vítimas (agredidos); vítimas provocadoras (agredidos e agressores)

## 1 - ABSTRACT

This study presents the frequency that «bullying» in the school affects the students of one school, dividing them in individuals that don't involve in school violence, aggressors and beaten (passives or provocative). Characterize each one of the groups and verify the influence of the following variables: age; gender; safety in the school environmental; paternal violence against the individuals; consume of addictive substances; physical and psychological symptoms; types of violence and socio-economical statute. The data are obtain by a self-report questionnaire (Health Behaviour in School-age Children Survey) applied to students of second and third level of school.

Key words: «bullying» in the school; aggressors; victims (beaten); provocative victims (beaten and aggressors).

## 2 - AGRADECIMENTOS

Em forma de agradecimentos gostaria de referir uma série de pessoas que directa, ou indirectamente, participaram neste trabalho, fazendo com que este se realizasse.

Assim sendo, em primeiro lugar, muito obrigada ao meu orientador de tese, Prof.º Dr.º Eduardo Sá pelas sugestões e revisões que fez, com o seu sentido crítico e construtivo.

Em segundo lugar, estou muito grata às escolas que participaram nesta investigação, compreendendo a importância da realização de estudos nesta área da violência escolar e permitindo que a recolha dos dados fosse feita, quer ao nível do pré-teste, quer ao nível da recolha dos dados efectivos do trabalho. Muito obrigada aos alunos, aos encarregados de educação, aos professores e directores de turma e aos funcionários das escolas, bem como ao conselho executivo das mesmas.

Por outro lado, quero também agradecer muito à minha família (em especial pai, mãe, irmã e cunhado), bem como ao meu companheiro, que me ajudaram na realização deste estudo, principalmente em termos práticos, estando todos sempre disponíveis para me ajudar em todos os momentos e pela ajuda que me deram neste trabalho. Sem eles tudo teria sido mais difícil.

Por último, muito obrigada à Prof.ª Tânia Pinto do Centro de Apoio Estatístico e Análise de Dados, pela sua paciência, disponibilidade, esforço e atenção no que diz respeito ao tratamento estatístico dos dados.

A todos o meu muito obrigada, sem todos vós este estudo nunca teria sido possível.

### 3 - INTRODUÇÃO

Os actos de violência entre crianças e jovens desde sempre existiram, mas actualmente a dimensão que assumem é algo de novo, na medida em que aquela violência entre pares que se resumia antigamente a um medir de forças ou a uma zanga com o outro que despoleta agressividade que não é contida e que é manifesta, nos dias de hoje a violência entre crianças e jovens constitui um problema sério da nossa sociedade, que preocupa crianças, jovens, pais, professores e a sociedade em geral.

Para além disso, os efeitos negativos que essa violência tem junto dos seus intervenientes afecta o seu bem-estar, o seu desenvolvimento e a sua saúde mental, tendo consequências a curto e longo prazo.

Neste trabalho abordar-se-á um tipo específico de violência no contexto escolar, denominado «bullying», cuja tradução para português é difícil, mas que se pode considerar como provocação, vitimação ou intimidação.

De seguida, apresenta-se a revisão de literatura relativa ao tema violência entre crianças e jovens, nomeadamente no âmbito do «bullying» escolar, sendo que apesar de este ser um conceito relativamente recente, existe um certo número de autores que se tem dedicado ao estudo deste fenómeno. Far-se-á num primeiro momento a distinção entre agressividade, violência e «bullying», caracterizando-se depois este conceito, analisando a sua prevalência, distinguindo-se os grupos de sujeitos envolvidos neste fenómeno, clarificando as suas consequências, relacionando características das próprias escolas com o «bullying» e identificando estratégias de prevenção e intervenção neste domínio.

Depois apresentar-se-á toda a investigação levada a cabo sobre violência escolar e «bullying», onde se pretende caracterizar os sujeitos envolvidos neste fenómeno com o objectivo de, desta forma, conseguir encontrar um perfil típico para a identificação dos indivíduos intervenientes, servindo assim como ponto de partida para a criação de projectos de intervenção e de prevenção do «bullying» em Portugal. Pretende-se cruzar os dados obtidos em diversas investigações tentando verificar qual a sua aplicação ao contexto português. Como tal é exposta a pertinência da investigação, identificado um problema e levantadas as questões de investigação.

Posteriormente, apresenta-se o instrumento utilizado para levar a cabo a investigação (Questionário de Comportamentos de Saúde em Crianças e Jovens em Idade Escolar), caracteriza-se a amostra e expõem-se todos os procedimentos levados a cabo para efectuar o estudo.

Apresentam-se os resultados e discutem-se os mesmos, tendo como base as questões de investigação levantadas e comparando-os com os resultados alcançados por outros autores.

Por último, retiram-se as conclusões finais da investigação.

## 4 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### 4.1 – Agressividade, violência e «bullying»

Existe uma clara falta de consenso na literatura alusiva ao tema da violência escolar, no que diz respeito à distinção de conceitos, que remetem para domínios tão diversos como agressividade, vandalismo, perturbações de comportamento, indisciplina, «bullying» e violência, havendo uma certa dificuldade em operacionalizar os objectos de estudo (Sousa, 2005).

Consequentemente, verifica-se uma necessidade de uniformização de normas e critérios de avaliação, na medida em que se observa na bibliografia uma multiplicidade de conceitos para definir comportamentos semelhantes. Há trabalhos que se referem a agressividade e «bullying» (Ramirez, 2001), outros a indisciplina e violência (Bertão, 2004), entre outros.

Assim sendo, a clarificação de alguns destes conceitos parece essencial para se conseguir chegar à definição do «bullying» escolar.

Agressividade pode ser definida como uma forma de conduta com o objectivo de ferir alguém, física ou psicologicamente (Berkowitz, 1993, citado por Sousa, 2005). Deste modo, a agressividade envolve um carácter intencional onde quem a pratica pretende algo, como coagir o outro, evidenciar poder e domínio.

O autor refere ainda que a agressividade humana não é inata nem instintiva, mas sim uma resposta face frustrações que bloqueiam o desenvolvimento, apoiando-se na definição de Abreu (1998, citado por Sousa, 2005) que considera a agressividade como a “capacidade ou potencialidade de alguém provocar malefícios, ofensas, prejuízos ou destruições, materiais ou morais, a outra pessoa ou a si mesmo”.

Além disso, Bertão (2004) refere que a agressividade é essencial para a sobrevivência, desenvolvimento, defesa e adaptação dos indivíduos, sendo um elemento protector que possibilita a construção de um espaço interno, promovendo a diferenciação entre Eu e o Outro, bem como a criação de vínculos. As pulsões, ao longo do processo de desenvolvimento, vão assumindo formas socialmente aceitáveis de se expressar, pelo que o modo como o indivíduo gere os mecanismos agressivos será fundamental na posterior estruturação das relações interpessoais.

O interesse da psicologia na agressividade teve início no século XIX quando William James a definiu como um instinto e depois no século XX com Freud que a considerou como um impulso inato, hipótese recusada por alguns autores, de entre os quais Bandura, que a defendiam como sendo resultado de uma aprendizagem (Ramirez, 2001). Esta incerteza na definição do conceito, que oscilava entre ser

inato ou adquirido fez com que inúmeros autores evitassem o termo em si referindo-se apenas a manifestações comportamentais.

Por sua vez Perry e Boldizac (1990, citados por Sousa, 2005) insistem na definição que a agressividade é uma conduta cujo objectivo é magoar alguém e que resulta de um sentimento de frustração, recusando a sua concepção inata atribuída por outros autores.

Deste modo, torna-se evidente que para se conhecer o conceito de agressividade tem que se analisar a evolução do mesmo ao longo do tempo.

Para Freud (sem data, citado por Sousa, 2005) a agressividade deixou de ser uma pulsão de morte, não assimilada ou sublimada através de uma produção criativa, mas antes transferida para algo exterior ao psiquismo do sujeito, o que dá origem a dano emocional ou físico.

Relativamente a Bandura (1973, citado por Sousa, 2005) este considerou a agressividade como sendo um comportamento resultante da injúria ou da destruição de objectos, evidenciando não a intenção do agressor, mas antes a acção.

Já Chagas (1999, citado por Sousa, 2005) considera a agressividade como um elemento natural da vivência humana, fundamental à sobrevivência e que se articula na afectividade entre os indivíduos.

“Assim sendo, o conceito de agressividade parece ser mais vasto que o de mera agressão física ou verbal. Costa e Vale (1998) referem que esta designação está presente ou implícita em qualquer designação adoptada, sendo simultaneamente simples e complexo, podendo ser considerados como agressivos uma imensa panóplia de comportamentos” (Sousa, 2005).

No que concerne ao conceito de violência, Ramirez (2001) afirma que geralmente se encontra associado a uma conotação significativa, reportando a um mecanismo de destruição, de ataque ao bem-estar do outro e de abuso de força e de poder.

Do ponto de vista etimológico o termo violência tem duas origens, uma grega (força/energia) e outra latina (abuso de força e poder), evidenciando assim um lado positivo e desejável na violência, como que uma força que leva à acção. Aliás, Bertão (2004) chega mesmo a identificar alguns autores que descrevem a violência como sendo algo necessário à existência humana, implicando o seu controlo.

Deste modo, sendo a agressividade algo de natural do ser humano, essencial ao seu desenvolvimento e sobrevivência, é natural que as manifestações de agressividade entre crianças também tenham lugar, sobretudo entre os seus pares. O que não é normal e adaptativo é o factor de frequência e extensão no

tempo que estas assumem. Assim surge o «bullying» escolar. Mais que uma simples descarga de agressividade nos seus pares, no «bullying» há um processo de vitimação e agressão que se estende no tempo e que traz consequências para o desenvolvimento dos intervenientes.

A violência entre crianças e jovens sempre aconteceu, mas nunca assumiu as proporções que actualmente se verificam a este nível. Assim, tem-se verificado com frequência que os comportamentos dos alunos ultrapassam os limites da indisciplina, manifestando-se comportamentos agressivos, o que faz surgir uma preocupação crescente, tanto mais porque é do conhecimento geral que esta violência produz efeitos nefastos no desenvolvimento físico e psicológico das crianças e dos jovens.

#### **4.2 – «Bullying»**

Enquanto a pesquisa sobre o comportamento agressivo remonta a várias décadas atrás, o «bullying» como objecto de investigação é um tema relativamente recente.

“Os comportamentos agressivos, particularmente nas escolas, são uma temática que cada vez mais preocupa a sociedade, principalmente pela amplitude que tem alcançado. Impõe-se, então, a questão: terá a agressividade aumentado em proporções alarmantes, ou ter-nos-emos nós tornado mais sensíveis face à sua maior visibilidade social?” (Ramirez, 2001; Costa e Vale, 1998, citados por Sousa, 2005).

A temática da violência entre crianças é algo que desde sempre aconteceu, contudo, não com as proporções com que actualmente se verifica. Além disso, actualmente este tema é uma preocupação constante de todos os que a ele se encontram ligados (alunos, pais, professores), assim como, da sociedade em geral, tendo para isto contribuído a atenção que a comunicação social tem dedicado ao tema, provavelmente devido ao conhecimento generalizado das consequências que essa violência tem para as vítimas. Note-se que não existe um consenso na explicação deste fenómeno, havendo diversos adjectivos para o caracterizar, mas nenhum que o defina em pleno, havendo ainda o recurso a termos relativamente recentes para caracterizar a violência entre crianças e jovens, como o «bullying».

Um tipo específico de violência entre jovens é o «bullying» que se pode traduzir por provocação, vitimação ou intimidação, apesar da tradução não ser muito fiel e de se utilizar o termo original.

O comportamento agressivo, físico ou mental, levado a cabo por colegas em ambiente escolar adoptou então a designação de «bullying», verificando-se o

carácter da intencionalidade e sendo levado a cabo por um indivíduo ou grupo contra alguém incapaz de se defender.

A primeira definição do conceito «bullying» foi levada a cabo por Dan Olweus, considerado o pioneiro no estudo sobre este tema. O autor que introduziu o termo definiu-o da seguinte forma: “um estudante é vítima de «bullying» quando ele ou ela é exposto, repetidamente e ao longo do tempo, a acções negativas por parte de um ou mais estudantes” (Olweus, 2005). O autor considera uma acção negativa quando alguém intencionalmente causa ou tenta causar danos ou mal-estar a outra pessoa.

O «bullying» envolve um potenciamento de poder e de força por parte do aluno que leva a cabo a agressão, tornando muito difícil a defesa da própria vítima de «bullying».

“Conceptualmente caracterizado de forma unânime por vários autores, o «bullying» assume-se como um fenómeno que abrange toda uma variedade de comportamentos de maus-tratos entre os pares podendo essas acções ser de carácter físico ou psicológico. (...) De realçar ainda o seu carácter intencional (com o intuito de magoar terceiros) repetitivo e sistemático, não se reportando a episódios isolados de conflito entre pares de igual estatuto ou poder. No geral, as vítimas são mais novas ou mais fracas que os agressores” (Seixas, 2005).

Em Portugal tem sido difícil encontrar um termo que traduza «bullying», apesar de alguns autores apresentarem algumas tentativas de tradução, tais como “implicar com as pessoas” (Vale e Costa, 1998, citados por Seixas, 2005), “agressão em contexto escolar” (Veiga, 2000, citado por Seixas, 2005), “coacção” (Marchand, 2001, citado por Seixas, 2005) e “provocação” (Carvalhosa e colaboradores, 2001).

Como não existe uma tradução literal do termo «bullying» optou-se por utilizar o termo original cuja definição passa por “provocação/vitimação” ou “intimidação”, bem como por “agressividade/violência” introduzida por Pereira, Almeida e Valente (1994, citados por Carvalhosa e colaboradores, 2001).

De acordo com Ramirez (2001) e Dreyer (2004, citado por Sousa, 2005) a nível internacional a conduta agressiva manifestada entre alunos adoptou a designação de «bullying», constituindo um comportamento agressivo, intencional e prejudicial que pode durar semanas ou anos. “Define-se como a violência desenrolada em meio escolar, quer física, quer mental, de um indivíduo ou grupo direccionada para alguém que não se consegue defender” (Sousa, 2005).

Assim sendo, verifica-se uma falta de consenso no que concerne à distinção e definição de conceitos no âmbito deste tema, falando-se de: agressividade; vandalismo; «bullying»; violência; indisciplina; perturbações de comportamento,

entre outros. Assim sendo, com base em sustentações teóricas tentar-se-á clarificar a definição destes conceitos.

Para além disso, o «bullying» pode ser conduzido por um indivíduo ou por um grupo (agressor ou provocador), assim como pode ser dirigido a um só indivíduo ou a um grupo (vítima). “Assim sendo, encontra-se sempre subjacente o envolvimento activo de, pelo menos, dois sujeitos, aquele que agride (o agressor) e aquele que é vitimizado (a vítima)” (Seixas, 2005).

Deste modo, com base em diversos autores, Carvalhosa e colaboradores (2001) consideram que os critérios que caracterizam o «bullying» são: (i) a intencionalidade do comportamento, isto é, o comportamento tem como objectivo provocar mal-estar e ter o controlo sobre a outra pessoa; (ii) o comportamento é levado a cabo de forma repetida e estende-se ao longo do tempo, ou seja o comportamento não ocorre de forma ocasional nem isolada, mas sim torna-se crónico e regular; (iii) existe um desequilíbrio de poder no centro da dinâmica do «bullying», sendo que os agressores observam as suas vítimas como alvos fáceis de alcançar e atingir. Apesar de existirem vários critérios para definir o «bullying», os autores parecem concordar relativamente ao facto de: se tratar de uma conduta agressiva intencional; assumir um carácter repetitivo e sistemático; existir uma desigualdade de poder entre os alunos envolvidos (Withney e Smith, 1993; Ramirez, 2001; Olweus, 2005).

De acordo com Smith e Morita (1999, citado por Martins, 2005a) o «bullying» é uma sub-categoria do comportamento agressivo, embora de um tipo pernicioso, uma vez que é dirigido, com frequência repetidas vezes, a uma vítima que se encontra incapaz de se defender a si própria eficazmente.

Os comportamentos que se podem incluir no «bullying» ou nos maus tratos entre pares são diversos, mas inserem-se essencialmente em três tipos (Martins, 2005a): directo e físico, o que inclui bater e/ou ameaçar fazê-lo, pontapear, estragar ou roubar dinheiro ou objectos que não lhe pertencem ou ameaçar fazê-lo, forçar comportamentos sexuais ou ameaçar fazê-lo, ameaçar ou obrigar os colegas a servi-los contra a sua própria vontade; directo e verbal, o que engloba insultar, chamar nomes ou alcunhas desagradáveis, gozar, fazer comentários racistas e/ou que salientam qualquer aspecto ou característica negativa, defeito ou deficiência dos colegas; indirecto, o que se refere a actos como excluir sistematicamente alguém do grupo de pares ou ameaçar fazê-lo como forma de tentar obter algo ou como retaliação de uma suposta ofensa prévia e ainda espalhar rumores ou boatos sobre os colegas, tentando destruir a sua reputação através da manipulação da vida social dos pares.

“Da multiplicidade de comportamentos que têm sido identificados como manifestações de «bullying», destacam-se os actos de agressividade física (bater, empurrar, dar pontapés), os comportamentos verbais (troçar, chamar nomes ofensivos), comportamentos de manipulação social ou indirectos (excluir, ignorar, espalhar rumores), os comportamentos de maus-tratos psicológicos (ameaças, gestos provocadores, expressões faciais ameaçadoras) e os ataques à propriedade (furto, extorsão, destruição deliberada de materiais/objectos)” (Seixas, 2005).

Em suma, com base em diversos autores, Carvalhosa e colaboradores (2001) consideram que esse importunar repetidamente pode ser de ordem física, verbal, psicológica e/ou sexual.

O que motiva os agressores ao que parece é o desejo de intimidação e de domínio, aliado ao abuso de poder. Geralmente, “adoptam uma atitude tirânica, perseguindo e oprimindo um colega de modo repetitivo, tornando-o na sua vítima habitual. Este fenómeno pode assumir diversas formas, nomeadamente verbal (insultos, calúnias, ameaças, ...), física (roubar, danificar objectos, ataque físico) e indirecta (exclusão social e divulgar rumores pejorativos)” (Ramirez, 2001).

Contudo, a operacionalização do conceito «bullying» não tem sido efectuada de forma unânime, sendo que alguns autores apenas consideram a violência física, outros o conjunto da física, verbal e psicológica, sendo poucos os que incluem a violência sexual na caracterização do «bullying». Relativamente ao número de intervenientes há autores que não especificam se a provocação e vitimação acontece individualmente ou em grupo e no que respeita à duração do comportamento alguns autores centram-se no último período escolar, enquanto que outros consideram toda a vida escolar do indivíduo.

No que diz respeito às investigações sobre «bullying», note-se que dependendo dos instrumentos de avaliação utilizados, assim como da faixa etária dos alunos, verifica-se diferentes taxas de incidência de «bullying», não só de país para país, como também dentro do próprio país (Seixas, 2005). Consequentemente, ao tentar-se caracterizar os níveis de incidência do «bullying» encontra-se por vezes pesquisas com percentagens discrepantes, o que leva a pensar sobre os métodos de avaliação utilizados.

Verificando-se uma necessidade actual de caracterizar os alunos envolvidos em comportamentos de «bullying» e sabendo-se que existem agressores, vítimas e vítimas agressivas, é compreensível que surjam dificuldades na escolha ou na construção de um instrumento fidedigno.

Sendo muitas as escolhas efectuadas quanto às metodologias de avaliação nas investigações sobre o «bullying», encontra-se porém uma certa prevalência de quatro grandes vertentes (de onde derivam as outras). A primeira vertente, também

ela a menos frequente de todas, é a observação directa/natural dos alunos no seu próprio quotidiano escolar, através da utilização de grelhas de observação onde se registam os comportamentos (quantidade, frequência e duração) e se descrevem os espaços onde as agressões ocorrem. Apesar de, este método fornecer informação objectiva, na medida em que é um observador isento que recolhe o material, também cria algumas limitações que passam pelo facto de ao observar o recreio, por exemplo, não conseguir identificar várias situações de «bullying» que ocorram em simultâneo, bem como não conseguir identificar situações que não passem pelo comportamento físico mas antes verbal, por exemplo, e situações que ocorram não no local onde o observador está mas antes na sala-de-aula, casa-de-banho, entre outros locais.

A segunda vertente é a mais utilizada, composta por questionários de auto-preenchimento pelos alunos. Este parece o método mais acertado, embora apresente algumas limitações, nomeadamente no que diz respeito ao facto de na maioria das vezes os indivíduos responderem de acordo com as respostas socialmente correctas e não com a verdade, sendo que também acontece responderem de forma errada porque os factos são ainda inconscientes.

Na terceira vertente encontra-se um conjunto de questionários preenchidos pelos pares dos agressores e das vítimas de «bullying». Esta é a segunda opção mais utilizada nas investigações nesta matéria. Neste método a questão da autenticidade das respostas não se coloca na medida em que os sujeitos não estão a responder face a eles próprios o que diminui grandemente a necessidade de respostas socialmente correctas e fornece um conjunto de repostas a nível grupal o que permite que do ponto de vista estatístico a recolha tenha maior viabilidade. Vários são os autores que defendem este método de recolha de dados na problemática do «bullying».

Por último, na quarta vertente encontra-se os questionários de auto-preenchimento pelos professores, sendo-lhes requerido que identifiquem os alunos que melhor correspondam ao perfil solicitado. A principal desvantagem desta vertente prende-se com o facto de se crer que a maioria dos comportamentos de «bullying» têm lugar fora da sala-de-aula o que condiciona a visão dos professores sobre este fenómeno. Contudo, é de salientar que a informação adicional que os professores podem trazer à investigação é muito importante.

Assim sendo, de acordo com Seixas (2005) as metodologias de avaliação do «bullying» podem-se dividir em dois grandes grupos: de auto-percepção (quando são os próprios sujeitos a responder aos questionários) e de hetero-percepção (quando são terceiros, como os pares, os professores ou observadores externos a responder às questões).

### 4.3 – A prevalência do “bullying”

O «bullying» é um problema que afecta muitas crianças e adolescentes em idade escolar. De acordo com Olweus (1997) este tipo de violência escolar afecta na escandinávia cerca de 15% da população escolar e no Canadá cerca de 33% da mesma, com base em Craig e Pepler (2000, citados por Martins, 2005a). Estes dados têm sido comprovados sistematicamente através de diversas investigações realizadas em todo o mundo.

No que diz respeito ao panorama português, note-se as investigações de Pereira e colaboradores (1994, citados por Carvalhosa e colaboradores, 2001) em dois concelhos do Norte do país que indicam que apenas 21% das crianças, entre os 7 e os 12 anos de idade, nunca tinha sido agredida, enquanto que 73% são agredidas às vezes e 5% muitas vezes.

A maioria dos estudos sugere existirem diferenças significativas no que respeita à idade e ao sexo quanto à manifestação de condutas agressivas em meio escolar (Whithney e Smith, 1993, citados por Martins, 2005a; Olweus, 1997; Owens e colaboradores, 2000).

Relativamente à faixa etária os estudos revelam que a prevalência do «bullying» escolar diminui com o aumento da escolaridade, conseqüentemente com a idade das crianças. Note-se ainda que os alunos mais novos são frequentemente mais vítimas que agressores e a frequência das ameaças que sofrem vai diminuindo com o aumento dos anos de escolaridade (talvez por possuírem maior capacidade de defesa) (Sousa, 2005), verificando-se que o número de agressores tende a aumentar com a idade e o número de vítimas a diminuir.

Assim, os alunos mais novos (a frequentar o 1.º e 2.º ciclo de escolaridade) tendem a manifestar mais violência física e directa, enquanto que os alunos mais velhos (a frequentar o 3.º ciclo de escolaridade e o ensino secundário) tendem a manifestar menos agressão física e directa e mais agressão indirecta e de carácter relacional (Whithney e Smith, 1993, citados por Martins, 2005a; Olweus, 1997).

No que diz respeito ao género são diversos os estudos que apontam para uma maior frequência de «bullying» nos rapazes, tanto ao nível de agressores como de vítimas, comparativamente às raparigas, sendo que nas raparigas a tendência agressiva parece diminuir com a idade, enquanto nos rapazes parece aumentar (Sousa, 2005).

Todavia, relativamente às diferenças entre rapazes e raparigas em termos de «bullying», apesar de diversos estudos apontarem para o facto de no sexo masculino a agressão ser claramente superior em comparação com o sexo

feminino, estudos recentes apontam no sentido da agressão se manifestar de forma diferente consoante o género. Ou seja, os rapazes manifestam mais agressão física e directa, enquanto as raparigas exibem mais agressão indirecta e relacional (Bjorkqvist e colaboradores, 1992; Crick, 1997, 2000, citado por Martins, 2005a; Owens e colaboradores, 2000). Note-se a este respeito que Bjorkqvist (1994) afirma que as raparigas não são menos agressivas, fisicamente mais fracas ou menos capazes de entrar em conflitos, apenas recorrem a outros meios, além do comportamento físico, para praticar o «bullying».

Para além disso, alguns estudos (Smith e colaboradores, 1999, citados por Martins, 2005a) apontam no sentido de que a vitimação tende a decrescer com a idade, embora a agressão pareça manter-se com maior estabilidade através do ciclo de vida.

#### **4.4 – Características dos provocadores e das vítimas**

Vários estudos (Craig e Pepler, 2000, citados por Martins, 2005a; Salmivalli e colaboradores, 1998, citados por Martins, 2005a) sugerem que no «bullying» é possível identificar grupos distintos: vítimas; agressores; vítimas provocadoras (sujeitos que simultaneamente são vítimas e agressores) e observadores cujo papel vai desde o apoio aos agressores até à ajuda às vítimas, passando frequentemente pela indiferença à ocorrência destes actos de violência escolar.

Sendo que cada vez que ocorre um acto de «bullying» existe sempre uma situação de vitimação onde intervêm dois elementos, a maioria dos autores que investigaram este fenómeno dedicaram-se a estes dois grupos: os agressores («bullies») e as vítimas, tentando identificar as suas características.

Relativamente à caracterização das vítimas de «bullying», verifica-se que este não é um grupo homogéneo, sendo que logo nas primeiras investigações sobre «bullying», Dan Olweus (1978, citado por Seixas, 2005) distinguia vítimas passivas (inseguras, ansiosas e incapazes de se defenderem) de vítimas agressivas (de temperamento exaltado e que retaliam o ataque). Note-se que este último grupo, composto por alunos que agredem e são agredidos simultaneamente, distinguem-se quer do grupo dos agressores, quer do das vítimas, embora partilhem características com ambos os grupos.

Smith e Morita (1999, citados por Martins, 2005) afirmam que a criança vitimada pode estarem desvantagem numérica, ou só entre muitos, ser a mais nova, menos forte, ou simplesmente ser menos confiante, embora a criança ou crianças agressivas explorem esta oportunidade para infligir dano, obtendo quer gratificação psicológica, quer estatuto no seu grupo de pares, ou, por vezes,

obtendo mesmo ganhos financeiros directos extorquindo dinheiro ou objectos aos outros.

Boulton e Smith (1994, citados por Carvalhosa e colaboradores, 2001) definem o provocador ou agressor como “aquele que frequentemente implica com os outros, ou que lhes bate, ou que os arrelia ou que lhes faz outras coisas desagradáveis sem uma boa razão”. Os agressores são caracterizados por agredirem os seus pares, terem atitudes positivas com a violência, terem maior probabilidade de se sentirem deprimidos, relativamente aos sujeitos que não se envolvem em «bullying». Têm ainda dificuldade em se relacionar com os pares, tendo poucos amigos, visto que têm dificuldade em fazer amizades. No que respeita à escola sentem-se infelizes e têm maior probabilidade que os outros de se envolverem na delinquência e na violência, assim como de se envolver em comportamentos de risco, tais como fumar, beber em excesso e consumir drogas (Berthold e Hoover, 2000; Carvalhosa e colaboradores 2001; Olweus, 2005). No que concerne à família, os autores concluíram que, as famílias dos provocadores caracterizam-se por serem pouco afectuosas e carinhosas, com dificuldade em exprimir os sentimentos, havendo uma distância emocional entre os membros da família. Ramirez (2001) afirma que famílias que demonstram condutas anti-sociais nos membros da família vão servir de modelo ao comportamento dos jovens, através da generalização dessas condutas. Ou seja, a agressividade é facilitada pelos modelos de condutas agressivas dos pais e outros adultos do meio familiar. Comumente, são famílias que reforçam de forma positiva a agressividade e recorrem à agressão para resolver conflitos, utilizando castigos corporais. “Os pais dos provocadores usam mais «deitar a baixo» e criticar do que elogiar e encorajar, e negligenciam em ensinar aos seus filhos que a agressão não é aceitável, tendem a usar disciplina inconsistente e pouca monitorização sobre onde os filhos estão ao longo do dia e têm *skills* de resolução de problemas pobres ou agressivos. Por vezes têm estilos de disciplina muito punitiva e rígida, com os castigos físicos a serem muito comuns” (Carvalhosa e colaboradores, 2001). De acordo com Olweus (2005), o agressor caracteriza-se essencialmente por: se envolver frequentemente em brigas; ser injuriado numa briga; roubar e vandalizar a propriedade alheia; beber álcool e fumar; desistir da escola; possuir uma pobre aprendizagem académica; gerar um clima negativo na escola e carregar armas.

A definição de Boulton e Smith (1994, citados por Carvalhosa e colaboradores, 2001) de vítima é alguém com quem frequentemente implicam, ou batem, ou arreliam, ou a quem fazem outras coisas desagradáveis sem uma boa razão. As vítimas passivas são mais deprimidas que os outros alunos, embora fumem e bebam menos que os outros, têm também mais dores de cabeça e

abdominais. Para além disso, as vítimas também têm poucos amigos e maior dificuldade em fazer amigos, pois sofrem a rejeição dos pares. Relativamente à escola, as vítimas sentem a escola como desagradável. No que concerne à família destas crianças verifica-se que estas famílias são caracterizadas como adoptando uma educação pautada pela restrição e excesso de protecção por parte dos pais. Por seu lado, Schwartz e colaboradores (1997) afirmam que o grupo das vítimas passivas não difere do grupo normativo em nenhuma variável do ambiente em casa e Bosworth e colaboradores (1999, citados por Carvalhosa e colaboradores, 2001) acrescentam que o tipo de família não é significativo. Olweus (2005) define as vítimas como possuindo uma baixa auto-estima, sendo depressivas e ansiosas, tristes, levando a cabo o absentismo escolar e tendo pensamentos de suicídio. Outras características de vítimas (passivas de «bullying» em oposição às vítimas agressivas) são: caladas, cautelosas e sensíveis; inseguras e pouco confiantes; os rapazes são fisicamente mais fracos que os seus pares e as raparigas desenvolvem-se mais cedo; têm medo de se magoar; descobrem que é mais fácil associar-se aos adultos que aos pares. Os comportamentos de submissão que as vítimas frequentemente manifestam (Schwartz e colaboradores, 1993) assumem uma importância particular no fenómeno do «bullying», na medida em que funcionam como estímulo aos agressores, que assim experimentam sentimentos de domínio e poder sobre a vítima.

Ainda no que diz respeito às vítimas de «bullying», outro grupo de crianças foi distinguido, denominadas vítimas provocativas, são aquelas que tanto são provocadoras como são vítimas, ou seja que retaliam quando são atacadas e que se definem por uma série de reacções agressivas. Estas vítimas também experienciam a rejeição por parte dos pares, o que de acordo com Dodge (1991, citado por Carvalhosa e colaboradores, 2001) pode levar ao aumento de agressividade para com os pares e vitimação pelos mesmos. Estas crianças também sentem desagrado para com a escola. Diversos autores tentaram explicar a razão deste padrão de comportamento desregulado a nível emocional, colocando as seguintes hipóteses: exposição a violência e abusos em casa; ou pais demasiado punitivos que usam estratégias agressivas e que são rejeitantes. “É de referir também a correlação positiva entre a vitimação no grupo de pares e a exposição a negativismo parental e o excesso de protecção materna” (Olweus, 1993, citado por Carvalhosa e colaboradores, 2001). Deste modo, conclui-se que experiências precoces de vitimação, violência e tratamento rígido dos adultos desregulam a criança do ponto de vista emocional, o que conduz a uma raiva reactiva e à vitimação pelos pares. Resta apenas referir que no grupo das vítimas provocativas se encontram diferenças significativas no que diz respeito ao estatuto

sócio-económico, sendo este maioritariamente baixo. Também outros autores (Dodge e colaboradores, 1994; Schwartz e colaboradores, 1997) referem que no que respeita à família são considerados factores de risco para a violência escolar a história familiar de maus-tratos, abuso e negligência, assim como os fracos vínculos entre os membros da família.

Por último, no que diz respeito aos alunos que assistem aos fenómenos de «bullying», Melton e colaboradores (1998, citados por Olweus, 2005) concluíram que, com base num estudo realizado numa escola nos E.U.A., 38% desses alunos afirma que não fazem nada quando assistem a um episódio de «bullying», porque não é nada que lhes diga respeito, 27% afirma não fazer nada, mas pensam que deviam ajudar e 35% afirma que tenta ajudar a vítima. Assim sendo, os observadores dividem-se basicamente em quatro grupos (Seixas, 2006): os que se associam ao agressor e o assistem (*assistants*); os que reforçam o comportamento do agressor (*reinforcers*); os defensores da vítima (*defenders*) e os que ignoram a situação (*outsiders*). Ramirez (2001) afirma que face a comportamentos de «bullying» os colegas adoptam duas atitudes, uma de reforço da agressividade e do agressor, outra de inibição face ao agressor, não sendo comum encontrar alguém que interceda pela vítima, principalmente devido ao medo.

Em suma, Martins (2005) afirma que, relativamente às características inerentes ao próprio indivíduo, verificam-se como factores de risco para a participação em actos de violência escolar os seguintes: autoconceito desfavorável; insucesso escolar; absentismo escolar; apetência pelo comportamento desviante; personalidade com traços de maquiavelismo e manipulação; dificuldades de concentração e atenção; dificuldade na capacidade de raciocinar de acordo com princípios; baixa disposição para reagir com empatia ao sofrimento e necessidade dos outros; viés nas várias etapas do processamento da informação social; distorções cognitivas e crenças na eficácia da violência enquanto forma legítima de resolver problemas.

É de salientar que dos locais na escola onde o «bullying» pode acontecer, o recreio apresenta-se como o lugar mais provável devido à escassa supervisão dos adultos, embora este fenómeno também esteja muito associado ao contexto de sala de aula (Seixas, 2006), verificando-se mesmo algumas diferenças relativamente ao tipo de agressão consoante o local em que ocorrem.

#### 4.5 – As consequências do «bullying»

“A agressão e vitimação parecem ter consequências nefastas para os principais envolvidos no fenómeno *bully-vítima*, quer a curto prazo, quer a longo prazo” (Martins, 2005a).

Vários estudos têm sido levados a cabo para identificar as repercussões que as vivências de episódios de violência têm nos indivíduos, chegando à conclusão que estas têm efeitos negativos nas vidas dos mesmos, em várias áreas da sua vida.

Alguns autores identificaram repercussões ao nível da auto-estima, enquanto que outros encontraram a associação com comportamentos de risco como o consumo de substâncias e outros ainda destacaram repercussões ao nível da saúde, de âmbito físico e psicológico (Seixas, 2005). Em enúmeros estudos, a vitimização aparece associada à depressão (Owens e colaboradores, 2000; Carvalhosa e colaboradores, 2001) e nervosismo (Sharp, 1995), embora outros autores verifiquem que estes sintomas também se manifestem nos outros grupos que participam nas situações de «bullying» escolar (Seixas, 2006).

De acordo com Dreyer (2004, citado por Sousa, 2005), no que diz respeito às consequências do «bullying», as vítimas experiênciam essencialmente sintomas depressivos, diminuição da auto-estima, angústia, *stress*, absentismo escolar e até suicídio, enquanto que os agressores adoptam comportamentos delinquentes, criminosos e violentos.

Ramirez (2001) refere mesmo que se trata de uma experiência traumática marcante, havendo danos físicos e morais, associados a tensão nervosa, dores de cabeça e estômago, crises de ansiedade e pesadelos. Por vezes, surgem alterações no comportamento social como cólera, timidez, negativismo e fobias, havendo também referência a alterações da capacidade de concentração e aprendizagem. Para Olweus (2005), as vítimas de «bullying» evidenciam uma baixa auto-estima, elevados níveis de depressão e de stress pós traumático.

As consequências do «bullying» no ambiente escolar, identificadas por Olweus (2005), passam por: interferir com a aprendizagem dos alunos; criar um clima de medo e de desrespeito. Note-se que Berthold e Hoover (2000) encontraram elevados índices de insegurança na escola, nomeadamente no grupo das vítimas.

Para além disso, Olweus (2005) identificou aos alunos envolvidos em comportamentos de «bullying», quer agressores, quer vítimas, as seguintes tendências: serem hiperactivos, cansados e com dificuldade de concentração; bem como, terem um temperamento muito exaltado.

Em suma, as vítimas tendem a manifestar: um auto-conceito desfavorável; uma auto-estima baixa; problemas de saúde física (sintomas psicossomáticos) e mental (sintomas depressivos, insegurança e ansiedade) e tendem geralmente a ser rejeitadas pelos pares. “O sentido causal destas relações não é claro, mas a maioria dos estudos sugere um círculo vicioso, no qual estes problemas parecem predispor à vitimação e são, sem dúvida, por ela seriamente agravados (ver Egan e Perry, 1998)” (Martins, 2005a).

No que diz respeito aos agressores, os estudos de Olweus (1997) sugerem que estes indivíduos possuem uma forte probabilidade de no futuro evoluir para a delinquência e criminalidade grave. Relativamente ao autoconceito dos agressores, os estudos não são congruentes. “É provável que os agressores construam o seu autoconceito a partir do poder e protagonismo social que as condutas agressivas lhes fornecem face aos pares, e que percebam a sua competência social também em função do facto do contexto social em que estão inseridos valorizar ou não a agressão” (Martins, 2005a). Além disso, os agressores têm sido geralmente associados a diagnósticos clínicos com base no DSM-IV a sujeitos com distúrbios de conduta e/ou défices de atenção e hiperactividade.

No que diz respeito ao grupo de sujeitos que simultaneamente são vítimas e agressores, Martins (2005a) afirma que estes apresentam um maior risco psicossocial por apresentarem conjuntamente e de forma mais acentuada as características das vítimas e dos agressores. Ramirez (2001) afirma que as vítimas agressoras são indivíduos que, face à agressão dos colegas, arranjam forma de superar o problema agredindo também, agindo como os agressores. Olweus (1997) refere ainda que estes sujeitos tendem a manifestar défices de atenção e hiperactividade, dificuldades de concentração, sendo frequente causarem nos outros sentimentos de irritação, ressentimento e frustração.

Relativamente aos observadores, parece haver uma inibição em criticar a situação, sendo raro alguém intervir pela vítima. Ramirez (2001) afirma que o fenómeno do «bullying» escolar é potenciado na turma, sendo que, quando ocorre a agressão ou intimidação, gera-se uma rede de relações de grupo que promove e reforça a agressividade, principalmente pelo medo.

#### **4.6 – As escolas e o «bullying»**

Akiba e colaboradores (2002, citados por Martins, 2005) constataram numa investigação que a violência escolar parece estar predominantemente relacionada com variáveis inerentes à própria escola e com o tipo de relações que ocorrem na

mesma. Ou seja, escolas que estabelecem níveis de exigência elevados ao nível do rendimento escolar dos alunos parecem ser mais seguras.

Gladden (2002, citado por Martins, 2005) numa revisão de literatura sobre a avaliação de programas de intervenção educativa nos Estados Unidos da América, com o objectivo de combater e prevenir a violência nas escolas, identifica quatro variáveis associadas às escolas seguras:

- São escolas onde existem fortes vínculos e bom relacionamento entre os professores e entre professores e alunos;
- São escolas em que existe um forte compromisso por parte da escola em ensinar estratégias de resolução de conflitos não violentas (promoção de competências sociocognitivas e gestão de controlo da raiva);
- São escolas onde existe um forte compromisso com as aprendizagens académicas e que estabelecem níveis exigentes em termos das aprendizagens dos alunos;
- São escolas com capacidade de resposta e respeito pela comunidade e cultura juvenis.

#### **4.7 – Estratégias de intervenção no «bullying»**

De acordo com Seixas (2006), as investigações na área do «bullying» escolar sugerem que a vitimação pode conduzir a baixos níveis de bem-estar e ajustamento psicossocial e elevados índices de stress psicológico e mal-estar físico, bem como que a agressão prediz comportamentos violentos e anti-sociais no futuro. Consequentemente, é urgente o desenvolvimento de programas de intervenção e de prevenção da violência escolar.

Ramirez (2001) chama a atenção para o facto do papel da escola dever passar pela prevenção e controlo da agressividade, através da identificação precoce dos sujeitos envolvidos, propiciando uma conduta social positiva dos mesmos.

As estratégias de prevenção, com base em Seixas (2006), devem passar pela: prevenção primária do «bullying» (eliminando os factores que promovem os comportamentos de vitimização e agressão): prevenção secundária (dirigida aos alunos em risco, proporcionando-lhes apoio e suporte) e prevenção terciária (dirigida aos alunos que manifestem condutas violentas, implementando estratégias interventivas, com o intuito de reduzir o seu comportamento).

Esta autora (Seixas, 2006) refere ainda que os programas de intervenção devem ser: no âmbito da instituição (a escola deve adoptar medidas para reduzir o «bullying», tais como incluir nos seus currículos a temática, abordá-la no seio da

aula, organizar espaços de debate, instituir maior supervisão nos espaços comuns e no recreio, estabelecer regras e sanções congruentes com a situação, entre outros); junto dos pais (alertando-os para os sinais de risco do «bullying», promovendo o desenvolvimento de competências psicossociais e atitudes positivas, bem como formas alternativas de resolução de conflitos aos seus filhos, entre outras) e junto dos alunos (desenvolvendo sistemas ou grupos de suporte de pares, estratégias de resolução de conflitos e diferenciando-os consoante o tipo de envolvimento no «bullying», ou seja nas vítimas – efectuando treino de assertividade, promovendo relações positivas com os pares, adoptando estratégias para não reforçar o comportamento agressivo do outro -, nos agressores – implementando programas de controle de impulsos, desenvolvendo outras actividades para canalização da energia e da agressividade, como por exemplo actividades desportivas).

De acordo com Martins (2005a), o facto de o «bullying» ser um fenómeno grupal implica que os programas de intervenção sejam mais dirigidos aos grupos (turmas e escolas) do que aos próprios indivíduos, bem como o facto de se manifestar de diferentes formas (físico, verbal e indirecto) sugere que as estratégias de prevenção ou de intervenção tenham em consideração o tipo de «bullying» que pretendem prevenir ou erradicar.

No que diz respeito às estratégias específicas de intervenção que as escolas utilizam para prevenir e combater a violência Gladden (2002, citado por Martins, 2005) identificou as seguintes: aconselhamento de grupo e aconselhamento de pares em espaços e tempos extracurriculares; estratégias de trabalho cooperativo desenvolvidas no âmbito curricular; clubes ou actividades culturais e desportivas extracurriculares. Relativamente à avaliação a eficácia destas estratégias verificou-se que a primeira foi considerada como sendo pouco eficaz, pensando-se mesmo que pode conduzir ao aumento dos comportamentos agressivos. As estratégias de trabalho cooperativo e as actividades extracurriculares parecem ter sido as mais eficazes na redução da violência, sendo esta última estratégia particularmente eficaz em meios mais pobres.

Galdden (2002, citado por Martins, 2005) refere ainda que a suspensão como medida punitiva para o aluno infractor não se revela uma medida eficaz na modificação do comportamento, devendo ser evitada, sobretudo nas situações menos graves, ou seja, que não atentem contra a integridade física dos outros.

Por outro lado, Cowie (2000, citado por Martins, 2005) afirma que o aconselhamento ou a mediação parecem ser estratégias eficazes no que diz respeito às vítimas, surtindo efeitos benéficos nestas e nos pares que participam na mediação.

Relativamente às estratégias de intervenção de âmbito pedagógico que os professores podem levar a cabo para diminuir os fenómenos de «bullying» Martins (2005) afirma que vários autores apontam a estratégia pedagógica de trabalho cooperativo como eficaz.

Diaz-Aguado (1992) afirma que diferentes tipos de estratégias pedagógicas se revelaram eficazes na redução da violência escolar, principalmente as que visam o ensino da resolução de conflitos interpessoais de forma a excluir a violência, tais como: discussão em grupo de situações hipotéticas e reais; representação de papéis e dramatização; promoção da assertividade e das competências de comunicação (escuta, questionamento, negociação); ensino da expressão de emoções e do controlo da raiva.

Desta forma, deve haver formação específica para os professores de forma a fornecer-lhes elementos que os ajudem a lidar com estas situações, na medida em que eles têm um papel preponderante na formação e educação dos alunos. devem ser integrados nestes processos de intervenção para diminuir a violência escolar.

Limper (2000, citado por Martins, 2005) realça a colaboração com os pais, para que os programas de prevenção da violência sejam mais eficazes, na medida em que estes são, dos elementos da comunidade educativa, dos que mais se preocupa e é afectado pela violência escolar. Ramirez (2001) salienta o papel da família na prevenção e intervenção do «bullying» escolar, na medida em que é a família que proporciona modelos de comportamento, sendo essencial a sua colaboração no estabelecimento de condutas positivas.

Assim sendo, as escolas conseguirão intervir na diminuição dos fenómenos de violência escolar se intervirem ao nível da implementação de regras, se derem formação específica aos seus docentes, bem como, se utilizarem métodos pedagógicos adequados.

Relativamente aos factores de protecção contra a violência escolar a autora Martins (2005) refere, no que concerne ao indivíduo, a valorização do sucesso escolar e da saúde, o envolvimento em actividades extracurriculares na escola ou fora dela, e no que diz respeito ao ambiente próximo do sujeito, uma família coesa, um grupo de amigos e colegas que desvalorizam o desvio, a aceitação por parte dos pares e o facto de os amigos oferecerem apoio e protecção.

## 5 – PERTINÊNCIA DO ESTUDO

Note-se que existe uma grande carência de estudos neste âmbito em Portugal, tornando-se urgente uma caracterização do fenómeno «bullying» em Portugal, nomeadamente no que diz respeito a programas de intervenção e de prevenção.

Desta forma, pretende-se com este estudo dar um ponto de partida em Portugal para a identificação clara e precisa dos alunos afectados por este tipo de violência, quer estes sejam agressores ou vítimas, para que se consiga através das suas características específicas que se pretende identificar e clarificar neste estudo, em termos pessoais, de ambiente familiar e escolar, para que os factores de risco sejam facilmente perceptíveis.

O objectivo último desta investigação é, através da identificação dos trâmites que definem os alunos envolvidos no «bullying», conseguir estabelecer estratégias de intervenção conscientemente eficazes, que permitam diminuir a frequência deste fenómeno que tem crescido de forma exponencial.

Torna-se assim urgente referenciar de forma clara os alunos envolvidos através das suas múltiplas características e sinais e encontrar uma forma de intervir junto dos mesmos.

### 5.1 – Problema

O «bullying» em forma de violência escolar afecta de forma diferente os alunos envolvidos neste fenómeno quer estes sejam vítimas ou agressores e estas diferenças variam consoante a idade e o sexo dos sujeitos, bem como o seu ambiente familiar e escolar, além de se encontrarem sintomas físicos e psicológicos que no seu conjunto podem funcionar como factores de risco para a sinalização e identificação dos alunos envolvidos no «bullying» escolar.

### 5.2 – Questões de Investigação

As questões de investigação deste trabalho são:

Questão número um

➤ O «bullying» em forma de violência escolar espera-se que seja mais frequente nos alunos mais novos do 2.º ciclo, comparativamente aos alunos mais velhos do 3.º ciclo;

Questão número dois

➤ O «bullying» em forma de violência escolar é um fenómeno que se espera afectar mais os alunos do sexo masculino comparativamente ao sexo feminino;

Questão número três

➤ O «bullying» como violência escolar espera-se que esteja relacionado com o meio familiar, sendo que os alunos que possuam um ambiente familiar marcado pela violência dirigida aos próprios tendem a estar envolvidos no fenómeno da violência escolar, quer seja como vítimas ou como agressores;

Questão número quatro

➤ O «bullying» em forma de violência escolar espera-se que esteja relacionado com o ambiente escolar, sendo que crianças caracterizadas como sendo vítimas de «bullying» escolar sentem a escola como um meio inseguro;

Questão número cinco

➤ O «bullying» em forma de violência escolar espera-se que afecte de forma diferente os alunos em termos de comportamentos aditivos, sendo que os alunos caracterizados como agressores no fenómeno do «bullying» tendem a manifestar mais comportamentos aditivos (consumo de álcool, tabaco e estupefacientes) comparativamente aos outros alunos, nomeadamente comparativamente às vítimas;

Questão número seis

➤ O «bullying» em forma de violência escolar espera-se que afecte os alunos envolvidos em termos de sintomas físicos e psicológicos, sendo que os alunos caracterizados como sendo vítimas de violência escolar manifestam mais sintomas que os alunos caracterizados como agressores ou como alunos não envolvidos em fenómenos de «bullying»;

Questão número sete

➤ Espera-se que os alunos mais novos e os alunos do sexo masculino manifestem mais violência escolar física e directa, enquanto se espera que os alunos mais velhos e as raparigas, respectivamente, manifestem mais violência indirecta e relacional;

Questão número oito

➤É de esperar que não se verifiquem diferenças no que diz respeito ao estatuto sócio-económico dos indivíduos envolvidos em violência escolar.

## 6 – PROCEDIMENTOS

### 6.1 – Instrumentos

O instrumento utilizado neste estudo foi um questionário de auto-preenchimento, denominado Questionário de Comportamentos de Saúde em Crianças e Jovens em Idade Escolar (HBSC – Health Behaviour in School-aged Children Survey).

De seguida descrever-se-á o instrumento de forma pormenorizada, o seu modo de recolha e de cotação.

O Questionário de Comportamentos de Saúde em Crianças e Jovens em Idade Escolar, intitulado originalmente HSBC, é utilizado pela OMS (Organização Mundial de Saúde) numa investigação, realizada de quatro em quatro anos, que analisa a vida quotidiana de crianças e jovens estudantes entre os 11 e os 16 anos (Currie e colaboradores, 2000, citados por Seixas, 2006). É um questionário que aborda diversos temas que compõem a vida dos jovens estudantes, desde a relação com a escola, os pares, professores e pais, a sintomas físicos e psicológicos, entre outros.

Portugal em parceria com a OMS realizou um estudo nacional, tendo feito a tradução do questionário e adaptado o mesmo à população portuguesa, levado a cabo por Matos e colaboradores (2001, citados por Seixas, 2006).

No que diz respeito aos diversos domínios que o questionário abrange convém salientar que os itens que diziam respeito a abusos sexuais e a violência fora da escola foram retirados do questionário utilizado neste trabalho devido a imposição por parte do conselho executivo das escolas envolvidas no trabalho. A generalidade dos outros domínios do questionário foi mantida neste estudo.

Deste modo, as questões do questionário utilizado neste trabalho (anexo número 3) abrangem os seguintes domínios:

- Carreira;
- Higiéne;
- Alimentação;
- Consumo de substâncias (tabaco, alcóol e drogas);
- Corpo e saúde;
- Percepção do corpo;
- Confiança em si;
- Relações com o meio;
- Desporto;
- Televisão e jogos electrónicos;

- Colegas;
- Escola;
- Nível de vida familiar.

Relativamente à cotação das respostas, nas questões que obedecem a uma escala tipo *Likert*, atribuiu-se o menor valor à resposta correspondente à negativa e o maior valor à resposta mais quantitativa (por exemplo, numa questão onde as respostas possíveis são sempre, frequentemente, às vezes, raramente e nunca, a cotação seria 4 para sempre, 3 para frequentemente, 2 para às vezes, 1 para raramente e 0 para nunca). O mesmo critério foi utilizado para as questões cuja resposta é sim ou não (sendo que a pontuação dada a sim é 1 e 0 para a resposta não).

Para além disso, existem também questões de escolha múltipla cuja cotação foi a seguinte: 1 para quando se escolhia a questão e 0 para quando a questão não era assinalada pelo sujeito.

Contudo, note-se que a cotação deste teste tem uma finalidade meramente estatística, pois não se pretende obter uma pontuação final, mas sim uma frequência de respostas em cada questão, consoante o sujeito se insere num ou outro grupo e tendo em conta as questões de investigação do estudo.

## **6.2 – Caracterização da Amostra**

A amostra deste trabalho consiste num universo de 257 sujeitos de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 10 e os 16 anos de idade, que frequentam o 2.º e o 3.º ciclo de escolaridade de uma escola pública dos arredores de Lisboa (Escola de 2.º e 3.º Ciclo Jorge de Barros).

Relativamente à selecção da amostra convém salientar o seguinte. Restringiu-se num primeiro momento a área geográfica da amostra ao distrito de Lisboa. Assim sendo, todas as escolas públicas e privadas, que possuíssem alunos entre o 2.º e o 3.º ciclo foram contactadas e convidadas a participar no estudo. Contudo, a receptividade foi muito reduzida. Nenhuma escola privada aceitou participar no estudo e das públicas apenas uma aceitou. Uma das explicações possíveis para esta recusa na participação no estudo pode-se encontrar relacionada com a nova política de avaliação dos professores que, de acordo com os mesmos, lhes aumenta grandemente o trabalho burocrático extra-aulas. Por outro lado, outra justificação para este facto prende-se com o facto de neste ano lectivo a questão do «bullying» nas escolas ter tido grande destaque na nossa

sociedade e como tal as escolas terem algum receio de se exporem quanto a este tema.

Desta forma, a amostra deste trabalho ficou limitada aos alunos de uma única escola, não sendo possível pôr em prática a análise de algumas das questões de investigação a que o trabalho se propunha, nomeadamente, verificar se existiriam diferenças entre escolas públicas e privadas, bem como entre escolas com alunos oriundos de classes sociais mais elevadas comparativamente a classes sociais mais desfavorecidas.

Como forma de caracterização da amostra note-se o seguinte: do total de 257 sujeitos, 129 são do sexo feminino e 128 do sexo masculino. A sua distribuição pelos diferentes anos de escolaridade é a seguinte: 108 do 5.º ano de escolaridade; 63 do 6.º ano de escolaridade; 41 do 7.º ano de escolaridade; 39 do 8.º ano de escolaridade e 6 do 9.º ano de escolaridade. Assim, o grupo do 2.º ciclo é composto por 171 indivíduos e o grupo do 3.º ciclo possui 86 sujeitos.

Note-se, relativamente a esta amostra, que existe uma certa discrepância entre o número de alunos mais novos e o número de alunos mais velhos, sendo que o número de alunos que compoem a amostra diminui consoante aumenta o ano de escolaridade e a idade dos alunos. Este facto pode-se encontrar relacionado não só com o facto de se considerar que o «bullying» escolar afecta mais as crianças mais novas, o que as leva a aderir mais facilmente a este estudo, bem como com o facto dos alunos mais velhos terem uma maior liberdade de escolha em relação aos mais novos. Isto é, no caso dos alunos do 2.º ciclo, se os pais assinaram a autorização para a participação no estudo estes vieram preencher os questionários, enquanto que no caso dos mais velhos, mesmo alguns cujos pais autorizaram a participação no trabalho, estes decidiram não participar. Para além destes factos, o número de turmas do 8.º e 9.º ano de escolaridade é substancialmente inferior ao número de turmas dos outros anos.

Com base nas respostas dos sujeitos ao questionário utilizado nesta investigação, a amostra foi dividida em quatro grupos distintos: o «Grupo dos Agressores» (alunos que agridem os seus colegas); o «Grupo dos Agredidos» (alunos que são vítimas em episódios de violência escolar); «Grupo dos Agredidos e Agressores» (alunos que participam em violência escolar sendo simultaneamente vítimas e agressores, denominadas por alguns autores como vítimas agressoras) e o «Grupo Normativo» (alunos que não participam em episódios de «bullying» escolar).

### **6.3 – Procedimentos**

Foi efectuado um pré-teste com o objectivo de identificar alguma dificuldade na compreensão dos testes, nomeadamente ao nível da linguagem utilizada, da clareza das instruções e da forma de preenchimento dos testes, bem como para determinar uma estimativa do tempo dispendido pelos sujeitos, desde a distribuição dos questionários, às instruções prestadas e ao preenchimento dos questionários.

Desta forma, foi seleccionada uma amostra de cerca de 48 alunos, de escolas públicas do concelho de Loures, do 2.º e 3.º ciclo de escolaridade, dos quais 58% são do sexo masculino e 42% do sexo feminino.

Após o pré-teste houve a necessidade de proceder a algumas alterações nos questionários e, conseqüentemente, nas questões de investigação em estudo. Em primeiro lugar, a principal dificuldade sentida deveu-se ao facto dos questionários serem identificados pelos sujeitos através do nome, ano de escolaridade e turma. Verificou-se uma grande inquietação dos sujeitos perante este facto, o que se determinou que poderia vir a inviabilizar a veracidade de algumas respostas. Perante esta manifestação dos sujeitos, face à sua preocupação verbalizada muitas vezes sobre quem iria ver as respostas que estavam a dar e dada mesmo a recusa de alguns indivíduos a preencher os questionários devido a esta questão, embora a investigadora tenha referido que os dados são confidenciais, decidiu-se não identificar os questionários, permanecendo estes anónimos.

Porém, esta questão levou à inviabilização da utilização de outros dois testes que estava previsto incluir-se neste estudo: um questionário de nomeação de pares e um questionário sociométrico. Com o questionário de nomeação de pares pretendia-se verificar quais os alunos que com maior frequência são agressores e vítimas em comportamentos de violência escolar e se existe ou não uma diferença nestes dados consoante o género sexual dos sujeitos. Por outro lado, com o questionário sociométrico pretendia-se identificar se o facto dos sujeitos estarem identificados como vítimas ou agressores em termos de comportamentos de «bullying» escolar os tornava mais ou menos populares junto do grupo de pares. Para além disso, pretendia-se comparar os dados apresentados pelos pares com os dados dos próprios sujeitos, sobre se se consideravam na realidade vítimas ou agressores, consoante as suas respostas no questionário “Comportamentos de Saúde em Crianças e Jovens em Idade Escolar”, tal como eram apontados pelos seus colegas.

Foi com muita pena que teve que se abandonar esta parte do projecto de investigação, mas nenhum destes dois testes faria sentido se não incluísse o nome dos sujeitos, o que se chegou à conclusão ser melhor omitir com vista à fiabilidade das respostas dos sujeitos.

Para além disso, através do pré-teste também se verificou a necessidade de proceder a algumas alterações no teste “Comportamentos de Saúde em Crianças e Jovens em Idade Escolar” relativamente à instrução de possibilidade de resposta de algumas questões (resposta múltipla ou única), bem como à substituição ou simplificação de algumas palavras que causavam incompreensão por parte dos sujeitos.

Posto isto, passou-se à recolha dos dados. Após a aceitação por parte da presidente do conselho executivo da escola em participar nesta investigação, ficou definido que a recolha da amostra seria feita directamente pela investigadora no tempo das aulas de Área Projecto e/ou Estudo Acompanhado. Foi elaborado um calendário de recolha dos dados, pedida a colaboração dos directores de turma e a recolha dos dados foi efectuada da seguinte forma. A par da marcação dos dias de recolha dos dados em cada turma, através de cada director de turma, foram distribuídas aos alunos cartas informativas aos encarregados de educação (anexo número 1) onde se requeria a sua autorização através da assinatura, para que o seu educando pudesse participar no estudo. Foi solicitado aos alunos que trouxessem a autorização do encarregado de educação assinada, para participarem na investigação, no dia previamente definido para a recolha dos dados, pois só poderiam participar os alunos cujos encarregados de educação autorizassem. E assim foi. No dia marcado para a recolha dos dados de cada turma os alunos que tivessem na sua posse a autorização do encarregado de educação ou que já a tivessem entregue ao director de turma vinham com a investigadora para uma sala para a recolha dos dados, enquanto que os alunos que não tinham a autorização ficavam na sala de aula com o professor de Área Projecto ou Estudo Acompanhado. Na totalidade das turmas dois tempos lectivos juntos (cada um de 45 minutos) foi suficiente para efectuar a recolha.

Chegados à sala onde os alunos preencheram os questionários a investigadora começou por se apresentar e fazer um breve resumo dos objectivos do estudo, explicando o que é o «bullying» e a importância de se estudar o fenómeno. De seguida, foi feita uma alusão ao questionário pedindo-se aos sujeitos que sejam sinceros, que respondam com a verdade, que os questionários são anónimos e que não devem colocar o nome em lado algum, bem como que não devem deixar respostas em branco e que não há tempo limite para responder. Todas as principais instruções foram colocadas por escrito (ver anexo número 2) o

que foi lido em voz alta pela investigadora e completado com alguns comentários. Posto isto, os questionários foram distribuídos e assim foi iniciada a recolha dos dados. No final agradeceu-se a participação dos alunos no estudo.

## 7 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Ao nível da apresentação dos resultados, esta será feita tendo em conta as questões de investigação levantadas no trabalho.

Para tal é necessário, inicialmente, apresentar alguns resultados a que se chegou neste estudo.

Relativamente aos alunos afectados pelo «bullying» tenha-se em conta o seguinte quadro (quadro número 1).

Quadro número 1: Frequências e percentagens dos alunos distribuídos em termos de envolvimento em situações de «bullying» escolar

	Frequência	Percentagem
Grupo Normativo	194	75,5
Grupo de Agredidos	30	11,7
Grupo de Agressores	19	7,4
Grupo de Agredidos e Agressores	14	5,4
Total	257	100,0

Através do quadro em cima verifica-se que o «bullying» escolar é um fenómeno que atinge cerca de um quarto da população desta escola (24,5%), na medida em que se considera como sendo «Grupo Normativo» (75,5%) todos os sujeitos que não se envolvem em episódios de violência escolar, nem como agressores, nem como vítimas.

Na medida em que o «bullying» escolar se distingue da agressão pelo seu carácter de frequência repetitiva, o factor que levou à distinção dos grupos de agressão neste trabalho foi efectivamente a frequência das agressões. Ou seja, considerou-se como sujeito pertencente a um dos grupos de agressão o indivíduo que afirma agredir ou ser agredido frequentemente e não se considerou aquele que afirma agredir ou ser agredido raramente ou esporadicamente.

No que diz respeito aos alunos envolvidos na violência escolar verifica-se que o grupo das vítimas («Grupo de Agredidos») é o maior grupo (cerca de 11,7%), seguido do «Grupo dos Agressores» (cerca de 7,4%) e por último encontra-se o «Grupo dos Agredidos e Agressores» (vítimas agressoras que é de 5,4%).

Em suma, existe um maior número de vítimas do que de agressores e que o número de vítimas agressoras é ainda inferior aos outros dois grupos. Este facto evidencia o facto de existir um número pequeno de sujeitos que agredem os outros, sendo que cada agressor agride várias vítimas, bem como que uma parte dessas vítimas se destaca das demais por também elas praticarem a agressão.

Assim sendo, no que diz respeito à **questão de investigação número um** deste estudo onde se espera que o número de crianças envolvidas em episódios de «bullying» escolar é superior consoante estas sejam mais novas (a frequentar o 2.º ciclo) comparativamente às crianças mais velhas (que frequentam o 3.º ciclo) note-se que os dados recolhidos nesta investigação vão ao encontro desta questão como se pode verificar através do seguinte quadro (quadro número 2).

Quadro número 2: Frequências e percentagens dos alunos do 2.º e 3.º ciclo envolvidos em situações de «bullying» escolar

	2.º ciclo		3.º ciclo	
	Frequência	Percentagem	Frequência	Percentagem
Grupo Normativo	121	70,8	73	84,9
Grupo de Agredidos	25	14,6	5	5,8
Grupo de Agressores	15	8,8	4	4,7
Grupo de Agredidos e Agressores	10	5,8	4	4,7
Total	171	100,0	86	100,0

Neste quadro verifica-se então que o número de crianças do 2.º ciclo envolvidas em episódios de violência escolar é efectivamente superior ao número de crianças do 3.º ciclo que se envolvem em episódios de «bullying».

Deste modo, relativamente ao número de alunos que não se envolvem em situações de violência escolar verifica-se que nos alunos mais novos essa percentagem é de cerca de 70,8%, enquanto que nos mais velhos é de 84,9%.

No que diz respeito ao número de alunos definidos como vítimas («Grupo de Agredidos») nos dois grupos de alunos, ou seja nos mais novos e nos mais velhos, este é o grupo que mais indivíduos tem envolvido no «bullying». Isto é, tanto nos alunos mais novos, como nos mais velhos o maior grupo de alunos envolvidos em violência escolar é o «Grupo dos Agredidos».

Contudo, relativamente aos outros dois grupos envolvidos na violência escolar («Grupo de Agressores» e «Grupo de Agredidos e Agressores») verifica-se uma diferença entre o grupo dos alunos do 2.º ciclo e o grupo dos alunos do 3.º ciclo. Assim sendo, nos alunos mais novos o segundo maior grupo de sujeitos envolvidos no «bullying» é o «Grupo dos Agressores» e por último encontra-se o «Grupo dos Agredidos e Agressores», enquanto que nos alunos mais velhos é idêntico o número de indivíduos agressores e de vítimas agressoras.

Estes dados sugerem que nas crianças mais novas o «bullying» é mais frequente enquanto que nas crianças mais velhas é mais frequente o conflito entre pares e menos frequente fenómenos de intimidação e vitimação típicos do «bullying» escolar, na medida em que não existe uma diferença relevante no

número de alunos envolvidos em violência escolar nos três grupos de sujeitos (agressores, vítimas e vítimas agressoras) nos alunos mais velhos.

Este facto vai ao encontro dos dados recolhidos noutras investigações (Diaz-Aguado e colaboradores, 2004; Smith e colaboradores, 1999, citados por Martins, 2005a). em que se comprova que é entre as crianças mais novas que os episódios de «bullying» escolar mais têm lugar, o que, de acordo com Martins (2005a) sugere que o desenvolvimento de competências sociais durante a adolescência pode explicar em parte o decréscimo deste tipo de condutas. Contudo, não se comprova a afirmação de Sousa (2005) dos agressores diminuírem com a idade e aumentar o número de vítimas, sendo que o número de vítimas não aumentou nos alunos do 3.º ciclo.

Note-se que, no que diz respeito à **questão de investigação número dois** deste trabalho onde se espera encontrar diferenças quanto ao género das crianças envolvidas em violência escolar, na medida em que os alunos do sexo masculino se envolvem com maior frequência em episódios de «bullying» escolar em comparação com crianças do sexo feminino, tenha-se em conta o seguinte quadro (quadro número 3).

Quadro número 3: Frequências e percentagens dos alunos envolvidos em situações de «bullying» escolar relativamente ao género

	Total		Total		2.º ciclo		2.º ciclo		3.º ciclo		3.º ciclo	
	Masculino		Feminino		Masculino		Feminino		Masculino		Feminino	
	Fre.	Perc.	Fre.	Perc.	Fre.	Perc.	Fre.	Perc.	Fre.	Perc.	Fre.	Perc.
Grupo Normativo	81	63,3	113	87,6	53	57,6	68	86,1	28	77,8	45	90,0
Grupo de Agredidos	25	19,5	5	3,9	20	21,7	5	6,3	5	13,9	0	0,0
Grupo de Agressores	12	9,4	7	5,4	10	10,9	5	6,3	2	5,6	2	4,0
Grupo de Agred. e Agres.	10	7,8	4	3,1	9	9,8	1	1,3	1	2,8	3	6,0
Total	128	100,0	129	100,0	92	100,0	79	100,0	36	100,0	50	100,0

Assim sendo, verifica-se que, de um modo geral, o número de sujeitos do sexo masculino envolvido em actos de violência escolar é superior comparativamente ao sexo feminino (a percentagem de sujeitos do «Grupo Normativo», isto é sujeitos não envolvidos em «bullying», é de apenas 63,3% no sexo masculino, enquanto que no feminino é de 87,6%).

Para além disso, tanto no grupo de crianças mais novas como no das mais velhas, os rapazes envolvem-se mais em situações de «bullying» escolar do que as raparigas (tanto no grupo de alunos do 2.º ciclo como no grupo do 3.º ciclo, o «Grupo Normativo» é superior no caso das raparigas – 86,1% nas raparigas contra 57,6% nos rapazes nas crianças mais novas e 90,0% no sexo feminino contra 77,8% no masculino nas mais velhas).

No caso de diferenças dentro dos dois grupos etários há a assinalar o seguinte.

No grupo do 2.º ciclo, no caso dos rapazes, verifica-se que o maior número de sujeitos afectados pela violência escolar é o «Grupo dos Agredidos», seguido dos agressores e por último das vítimas agressoras. Enquanto que nas raparigas não se verifica uma diferença entre o número de sujeitos agressores e agredidos e apenas uma rapariga admitiu ser uma vítima agressora. Deste modo, no caso das crianças mais novas, no sexo feminino, não se verifica uma discrepância entre vítimas e agressores o que parece sugerir que, neste grupo, existe mais um conflito entre pares, onde existe um sujeito que se sente vítima e outro agressor com base no resultado desse conflito, ao invés de se assistir a um fenómeno de vitimação e intimidação.

No grupo dos sujeitos do 3.º ciclo, no género masculino, o maior grupo de sujeitos envolvido em violência escolar é o «Grupo dos Agredidos», seguido dos agressores e por último das vítimas agressoras. Já no caso feminino verifica-se uma percentagem muito pequena de sujeitos envolvidos em «bullying» (apenas 10%), sendo que nenhuma rapariga admitiu ser agredida, verificando-se um maior número de vítimas agressoras do que de agressores. Ou seja, nenhuma rapariga deste grupo admite ser uma vítima, mas sim algumas admitem ser agredidas e também agredir, enquanto que outras admitem ser agressoras em episódios de violência escolar.

Através deste quadro verifica-se então que existe efectivamente uma diferença entre as crianças envolvidas em violência escolar consoante o género, sendo que as crianças do sexo masculino manifestam uma maior envolvimento em episódios de violência escolar do que as crianças do sexo feminino em ambas as classe etárias envolvidas no estudo. Este facto vai ao encontro da questão de investigação levantada neste estudo, bem como dos resultados obtidos noutras investigações (Olweus, 1999, citado por Martins, 2005a). Note-se também a afirmação de Sousa (2005) de nas raparigas a tendência agressiva diminuir com a idade (o que se verifica) e nos rapazes aumentar (o que já não se verifica neste caso). Esta questão pode-se dever em parte a uma questão de forte influência cultural, na medida em que desde sempre os comportamentos de natureza agressiva sempre estiveram mais relacionados com o sexo masculino do que com o feminino, sendo que desde que nascem as crianças vão absorvendo estes padrões de comportamento. No caso feminino a violência escolar passa mais por conflitos directos entre pares, não se verificando propriamente o fenómeno da vitimação e intimidação própria do «bullying» escolar. É de salientar o facto de ser comum haver conflitos entre os alunos que envolvam comportamentos agressivos, contudo

o carácter de repetição da agressão e a desigualdade de poder entre vítima e agressor, assumem-se como factores distintivos destes conflitos do «bullying», sendo que estes não reflectem as consequências psicossociais que o «bullying» possui para as vítimas, tratando-se fundamentalmente de conflitos onde se verifica uma posição de igualdade entre os intervenientes.

Relativamente à **questão de investigação número três** deste trabalho onde se afirma que o «bullying» escolar parece estar envolvido como ambiente familiar das crianças, na medida em que as crianças que possuem um ambiente familiar marcado pela violência dirigida a elas, tendem a se envolver em violência escolar, quer seja como vítimas ou como agressores, comparativamente às crianças que não possuem um ambiente familiar marcado pela violência a elas dirigida, tenha-se em conta os seguintes quadros.

Quadro número 4: Frequências e percentagens de alunos do «Grupo Normativo» que possuem um ambiente familiar marcado pela violência dirigida aos mesmos, distinguindo o agressor (mãe e pai) e o ciclo de escolaridade

Batem-me	Grupo Normativo							
	2.º ciclo				3.º ciclo			
	Mãe		Pai		Mãe		Pai	
	Fre.	Perc	Fre.	Perc	Fre.	Perc	Fre.	Perc
Nunca	88	73,3	90	74,4	58	80,6	59	83,1
Menos frequentemente	25	20,8	24	19,8	11	15,3	9	12,7
1 a 3 vezes por mês	4	3,3	5	4,1	2	2,8	2	2,8
1 a 6 vezes por semana	1	,8	0	0	0	0	0	0
Todos os dias	2	1,7	2	1,7	1	1,4	1	1,4
Total	120	100,0	121	100,0	72	100,0	71	100,0
Missing	1				1		2	
Total	121				73		73	

Com base neste quadro é possível verificar que a maioria dos alunos do «Grupo Normativo» não sofre de violência em casa (73,3% e 74,4% dos alunos do 2.º ciclo e 80,6% e 83,1% dos alunos do 3.º ciclo afirmam nunca serem agredidos pela mãe e pelo pai, respectivamente).

Note-se que neste «Grupo Normativo» há 1 sujeito mais novo e 3 sujeitos mais velhos que não respondem a estas questões porque não têm qualquer contacto com os progenitores (representados no quadro como «missing»).

Neste grupo, dos sujeitos que afirmam serem agredidos pelos pais, a maior percentagem vai para aqueles que afirmam que os pais lhes batem menos que uma vez por mês («menos frequentemente») sendo estas percentagens de 20,8% e 19,8% nos mais novos e de 15,3% e 12,7% nos mais velhos, relativamente à mãe e ao pai respectivamente.

Dos que afirmam que os pais lhes batem a menor percentagem vai para a frequência de «1 a 6 vezes por semana» (0,8% para a mãe no 2.º ciclo e 0% para todos os outros).

Note-se, no entanto, que existem neste «Grupo Normativo» sujeitos que afirmam ser agredidos pelos pais «todos os dias» (1,7% nos mais novos e 1,4% nos mais velhos, tanto para a mãe, como para o pai).

Quadro número 5: Frequências e percentagens de alunos do «Grupo de Agressores» que possuem um ambiente familiar marcado pela violência dirigida aos mesmos, distinguindo o agressor (mãe e pai) e o ciclo de escolaridade

Batem-me	Grupo de Agressores							
	2.º ciclo				3.º ciclo			
	Mãe		Pai		Mãe		Pai	
	Fre.	Perc	Fre.	Perc	Fre.	Perc	Fre.	Perc
Nunca	10	66,7	9	60,0	3	75,0	4	100,0
Menos frequentemente	3	20,0	6	40,0	1	25,0	0	0
1 a 3 vezes por mês	1	6,7	0	0	0	0	0	0
1 a 6 vezes por semana	1	6,7	0	0	0	0	0	0
Todos os dias	0	0	0	0	0	0	0	0
Total	15	100,0	15	100,0	4	100,0	4	100,0

Deste modo, dos alunos identificados como sendo agressores, verifica-se que a maioria não possui um ambiente familiar marcado pela violência dirigida aos próprios (66,7% e 60% nos mais novos e 75% e 100% nos mais velhos, relativamente a agressões da mãe e do pai respectivamente, afirmam nunca serem agredidos).

Comparando os dois grupos etários, verifica-se que os alunos do 2.º ciclo são mais agredidos pelos pais do que os alunos do 3.º ciclo de escolaridade.

Dos alunos que afirmam que os pais lhes batem a percentagem maior vai para os que são agredidos menos que uma vez por mês (20% e 40% nos mais novos e 25% e 0% nos mais velhos, relativamente a mãe e pai respectivamente).

Note-se que apenas os alunos do 2.º ciclo de escolaridade afirmam ser agredidos, apenas pela mãe, com uma frequência maior que uma vez por mês.

Convém salientar que, nos dois grupos de alunos (mais novos e mais velhos) não há nenhum sujeito que afirme ser agredido todos os dias e que no grupo dos mais velhos não há nenhum sujeito que afirme ser agredido pelo pai.

Quadro número 6: Frequências e percentagens de alunos do «Grupo de Agredidos» que possuem um ambiente familiar marcado pela violência dirigida aos mesmos, distinguindo o agressor (mãe e pai) e o ciclo de escolaridade

Batem-me	Grupo de Agredidos							
	2.º ciclo				3.º ciclo			
	Mãe		Pai		Mãe		Pai	
	Fre.	Perc	Fre.	Perc	Fre.	Perc	Fre.	Perc
Nunca	14	56,0	14	56,0	2	40,0	3	60,0
Menos frequentemente	10	40,0	9	36,0	2	40,0	1	20,0
1 a 3 vezes por mês	1	4,0	1	4,0	1	20,0	1	20,0
1 a 6 vezes por semana	0	0	1	4,0	0	0	0	0
Todos os dias	0	0	0	0	0	0	0	0
Total	25	100,0	25	100,0	5	100,0	5	100,0

No que diz respeito aos alunos assinalados como vítimas e o facto de serem agredidos pelos seus pais, note-se que a maioria dos sujeitos (56% nos alunos mais novos, tanto no caso da mãe, como no do pai e 60% nos alunos mais velhos no caso do pai) afirma nunca ser agredido. Contudo, nos alunos mais velhos essa percentagem é de apenas 40% para os alunos que nunca são agredidos pela mãe.

Relativamente aos alunos do «Grupo de Agredidos» que afirma que os pais lhe batem, a maior percentagem vai para as agressões que são menos frequentes que uma vez por mês (40% e 36% nos mais novos e 40% e 20% nos mais velhos, no caso da mãe e do pai respectivamente).

A percentagem mais baixa é de 4% nos alunos mais novos (na frequência de «1 a 3 vezes por semana» em ambos os progenitores e de «1 a 6 vezes por semana» no caso do pai) enquanto que é de 20% nos mais velhos (na frequência de «1 a 3 vezes por mês» em ambos os progenitores e de «menos frequentemente» no caso do pai).

Neste grupo convém salientar o facto de, no caso dos alunos do 3.º ciclo, a percentagem de sujeitos que afirma não ser agredido pela mãe (40%) é inferior à percentagem dos que afirmam ser agredidos (40% é agredido pela mãe «menos frequentemente» que uma vez por mês e 20% é agredido entre «1 a 3 vezes por mês»).

Quadro número 7: Frequências e percentagens de alunos do «Grupo de Agredidos e Agressores» que possuem um ambiente familiar marcado pela violência dirigida aos mesmos, distinguindo o agressor (mãe e pai) e o ciclo de escolaridade

Batem-me	Grupo de Agredidos e Agressores							
	2.º ciclo				3.º ciclo			
	Mãe		Pai		Mãe		Pai	
	Fre.	Perc.	Fre.	Perc.	Fre.	Perc.	Fre.	Perc.
Nunca	7	70,0	8	80,0	0	0	0	0
Menos frequentemente	2	20,0	2	20,0	0	0	0	0
1 a 3 vezes por mês	0	0	0	0	3	75,0	4	100,0
1 a 6 vezes por semana	1	10,0	0	0	1	25,0	0	0
Todos os dias	0	0	0	0	0	0	0	0
Total	10	100,0	10	100,0	4	100,0	4	100,0

No caso dos sujeitos que são vítimas agressoras verifica-se que nos sujeitos mais novos a maioria (70% e 80% relativamente a agressões aos próprios infligidas pela mãe e pelo pai respectivamente) afirma que os progenitores nunca lhes batem.

Dos sujeitos do 2.º ciclo de escolaridade pertencentes ao «Grupo de Agredidos e Agressores» que afirmam ser agredidos pelos pais apenas 20% afirma que os progenitores os agredem «menos frequentemente» que uma vez por mês e 10% afirma que a mãe os agride entre «1 a 6 vezes por semana».

Relativamente aos sujeitos do 3.º ciclo de escolaridade, não há nenhum sujeito que afirme não ser agredido pelos pais, sendo que 75% e 100% afirmam ser agredidos pela mãe e pelo pai respectivamente «1 a 3 vezes por mês» e ainda 25% afirma ser agredido pela mãe «1 a 6 vezes por semana».

Assim sendo, verifica-se que existe uma diferença entre o grupo do 2.º ciclo comparativamente ao grupo do 3.º ciclo de escolaridade, no que diz respeito à questão de investigação levantada, onde se esperava que os indivíduos envolvidos em episódios de violência escolar (todos os grupos à excepção do «Grupo Normativo») possuísem maiores índices de agressão parental dirigida aos mesmos.

No caso dos alunos mais novos, do 2.º ciclo de escolaridade, a questão de investigação comprova-se em parte, ou seja os sujeitos do «Grupo Normativo» (que não se envolvem em episódios de violência escolar) apresentam percentagens mais elevadas de indivíduos que não são agredidos pelos pais, comparativamente aos grupos de indivíduos envolvidos em violência escolar, à excepção do «Grupo dos Agredidos e Agressores» que apresentam percentagens de sujeitos cujos pais não os agredem muito semelhantes às do «Grupo Normativo».

No caso dos alunos do 3.º ciclo de escolaridade, os dados não vão ao encontro da questão de investigação levantada, na medida em que o «Grupo dos

«Agressores» revela percentagens de indivíduos não agredidos pelos pais muito altas e próximas do «Grupo Normativo». Apenas no caso das vítimas, quer no «Grupo dos Agredidos» quer no «Grupo dos Agredidos e Agressores», as percentagens de indivíduos agredidos pelos progenitores é superior às obtidas nos outros grupos.

Em suma, verifica-se que os alunos que possuem um ambiente familiar onde a violência dirigida aos próprios está presente não são os que mais se envolvem em episódios de «bullying» escolar, quer na vitimação, quer na agressão, não indo os dados ao encontro do que seria de esperar tendo como base a questão de investigação, bem como vários estudos nesta área (Dodge e colaboradores, 1994;. Schwartz e colaboradores, 1997). Apesar de Carvalhosa e colaboradores (2001) referirem que os pais dos agressores tendem a utilizar *skills* de resolução de problemas marcados pela agressividade, adoptando uma disciplina rígida e punitiva, onde os castigos físicos são comuns (Ramirez, 2001), tal não se verifica nesta investigação. Além disso, também se poderia considerar que os alunos identificados como vítimas pudessem ser os que em casa são mais agredidos pelos pais, na medida em que tendem a repetir na escola o seu papel de vitimação, embora este facto também não se tenha comprovado através dos dados em cima descritos.

No que diz respeito à **questão de investigação número quatro** deste estudo em que se considera que os episódios de violência escolar se encontram relacionados com o ambiente escolar, na medida em que se espera que os alunos envolvidos nos mesmos como vítimas tendem a sentir a escola como um local inseguro, note-se o seguinte quadro (quadro número 8).

Quadro número 8: Frequências e percentagens de como os alunos do «Grupo Normativo» sentem a escola como um lugar seguro

	Grupo Normativo			
	2.º ciclo		3.º ciclo	
Seguro na escola	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.
Nunca	2	1,7	0	0,0
Raramente	3	2,5	4	5,5
Às vezes	29	24,0	18	24,7
Frequentemente	27	22,3	20	27,4
Sempre	60	49,6	31	42,5
Total	121	100,0	73	100,0

Deste modo, é possível verificar que no grupo dos alunos não envolvidos em episódios de violência escolar a sua maioria (49,6% no 2.º ciclo e 42,5% no 3.º ciclo de escolaridade) sente a escola como sendo «sempre» um lugar seguro. A

percentagem de alunos que sente a escola como «nunca» sendo seguro é de apenas 1,7% no grupo de alunos mais novos e 0% nos mais velhos.

Quadro número 9: Frequências e percentagens de como os alunos do «Grupo de Agressores» sentem a escola como um lugar seguro

	Grupo de Agressores			
	2.º ciclo		3.º ciclo	
Seguro na escola	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.
Nunca	1	6,7	0	0,0
Raramente	1	6,7	0	0,0
Às vezes	4	26,7	2	50,0
Frequentemente	1	6,7	1	25,0
Sempre	8	53,3	1	25,0
Total	15	100,0	4	100,0

No que diz respeito ao «Grupo dos Agressores» verifica-se uma diferença entre os alunos mais novos e mais velhos.

No alunos do 2.º ciclo a maioria dos sujeitos agressores (53,3%) afirma sentir-se sempre seguro na escola, enquanto que 26,7% afirma sentir-se seguro apenas «às vezes» e, dos restantes, 6,7% afirmam sentir-se «nunca», «raramente» e «frequentemente» sentir-se seguros no ambiente escolar.

Já no caso dos alunos do 3.º ciclo a maioria dos alunos agressores (50%) afirma sentir-se seguro na escola apenas «às vezes», enquanto que 25% dos alunos afirmam sentir-se «frequentemente» e «sempre» seguros.

Quadro número 10: Frequências e percentagens de como os alunos do «Grupo de Agredidos» sentem a escola como um lugar seguro

	Grupo de Agredidos			
	2.º ciclo		3.º ciclo	
Seguro na escola	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.
Nunca	1	4,0	0	0,0
Raramente	3	12,0	3	60,0
Às vezes	11	44,0	1	20,0
Frequentemente	6	24,0	1	20,0
Sempre	4	16,0	0	0,0
Total	25	100,0	5	100,0

No caso dos alunos identificados como vítimas no fenómeno da violência escolar note-se que a maioria dos sujeitos do 2.º ciclo de escolaridade (44%) afirmam sentir-se seguros na escola apenas «às vezes», enquanto que nos alunos do 3.º ciclo a maior parte dos alunos (60%) afirma «raramente» se sentir seguro.

Relativamente ao resto dos alunos deste «Grupo de Agredidos», nos sujeitos mais novos, as percentagens dividem-se pelas restantes opções, havendo 24% de sujeitos que se sente «frequentemente» seguro na escola, 16% sente-se

«sempre» seguro, contra 12% que «raramente» se sente seguro e 4% que «nunca» se sente seguro.

Já no caso os alunos mais velhos, 20% afirma sentir-se «frequentemente» seguro e outros 20% apenas se sentem seguros na escola «às vezes».

Quadro número 11: Frequências e percentagens de como os alunos do «Grupo de Agredidos e Agressores» sentem a escola como um lugar seguro

	Grupo de Agred. e Agres.			
	2.º ciclo		3.º ciclo	
Seguro na escola	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.
Nunca	0	0,0	2	50,0
Raramente	0	0,0	0	0,0
Às vezes	2	20,0	1	25,0
Frequentemente	2	20,0	0	0,0
Sempre	6	60,0	1	25,0
Total	10	100,0	4	100,0

No caso do grupo dos sujeitos que em situações de violência escolar são caracterizados como vítimas agressoras existem diferenças entre os sujeitos mais novos e os mais velhos.

Assim sendo, nos alunos do 2.º ciclo de escolaridade, a maioria dos sujeitos (60%) afirma sentir-se «sempre» seguro na escola, enquanto que 20% afirma sentir-se «frequentemente» seguro e outros 20% sente-se seguro apenas «às vezes» na escola.

No que diz respeito aos alunos do 3.º ciclo, a maioria dos sujeitos (50%) afirma «nunca» se sentir seguro, enquanto que 25% sente-se «sempre» seguro e outros 25% sentem-se seguros na escola «às vezes».

Desta forma, no que diz respeito à forma como os alunos sentem a escola um lugar seguro, diferenciando o seu envolvimento em episódios de violência escolar, verifica-se que o grupo onde a maioria dos alunos sente a escola como um local «sempre» seguro é o «Grupo Normativo», ou seja aquele que não se envolve em situações de violência escolar, em ambos os grupos etários, porque em todos os outros grupos observam-se diferenças entre os alunos mais novos e mais velhos quanto à segurança no ambiente escolar.

Inclusivé há grupos onde a percentagem de sujeitos que sente a escola como sendo «sempre» um local seguro é maior, comparativamente ao «Grupo Normativo» (como é o caso do «Grupo dos Agressores» e do «Grupo dos Agredidos e Agressores» nos alunos mais novos).

Os alunos que mais sentem a escola como não sendo um local seguro foram os alunos mais velhos do «Grupo dos Agredidos e Agressores» (50% sente

que a escola «nunca» é segura) e do «Grupo de Agredidos» (60% sente que a escola «raramente» é um local seguro).

Em suma, quanto à questão de investigação levantada em que seria de esperar que os alunos caracterizados como vítimas («Grupo de Agredidos» e «Grupo de Agredidos e Agressores») sentissem a escola como um local menos seguro do que os indivíduos agressores («Grupo de Agressores») e do que os indivíduos não envolvidos em violência escolar («Grupo Normativo»), verificam-se diferenças entre os dois grupos etários em estudo e os dados não vão na totalidade ao encontro do que seria esperado, na medida em que nos alunos mais novos os que mais sentem a escola como um local seguro são as vítimas agressoras, depois os agressores, seguido do grupo dos que não se envolvem em violência e por último as vítimas. No caso dos alunos mais velhos, aqueles que mais sentem a escola como sendo um local seguro são aqueles que não se envolvem em violência escolar, seguidos dos alunos agressores e vítimas agressoras em exequo e, por último, as vítimas. Os que mais sentem a escola como não sendo um lugar seguro no caso dos alunos mais velhos são as vítimas e as vítimas agressoras, embora metade dos alunos agressores refira que apenas «às vezes» se sente seguro na escola.

Desta forma, os resultados obtidos apenas vão ao encontro da nossa questão de investigação no caso dos alunos do 3.º ciclo de escolaridade onde as vítimas e as vítimas agressoras são os que menos se sentem seguros na escola, embora metade dos agressores apenas se sinta seguro na escola «às vezes». No 2.º ciclo também são as vítimas as que sentem a escola como um local pouco seguro, embora o mesmo não seja verdade para as vítimas agressoras que são as que se sentem mais seguras na escola. Deste modo, o facto das vítimas agressoras nem sempre sentirem a escola como um local inseguro, pode-se encontrar relacionado com o próprio facto de serem não apenas vítimas mas também agredirem o que lhes confere alguma segurança. Por outro lado, os dados sugerem que nem sempre os agressores sentem a escola como um local seguro, apesar de serem estes sujeitos uma ameaça para os demais, o que se pode considerar relacionado com o facto de poderem sentir algum medo do facto de serem agressores e poderem ser repreendidos por este facto, não só pelos funcionários da escola, como também pelos pais das vítimas. Contudo, os dados confirmam que são as vítimas as que mais sentem a escola como insegura, tal como que os agressores também nem sempre se sentem bem na escola, o que vai ao encontro dos dados obtidos por Martins (2005a) que afirma que “a maioria das vítimas e dos agressores, não parecem sentir-se bem na escola, porém são as vítimas que pior se sentem, (...) dado que é congruente com o facto da vitimação

ocorrer no contexto escolar” e de Berthold e Hoover (2000) que concluíram que cerca de metade das vítimas manifesta medo e insegurança na escola.

Já no que respeita à **questão de investigação número cinco** deste trabalho onde se espera que exista uma propensão para comportamentos aditivos, nomeadamente no que respeita ao consumo de tabaco, álcool e estupefacientes, nos alunos assinalados como agressores, comparativamente aos alunos não envolvidos em actos de violência escolar e aos alunos considerados como vítimas desses actos, note-se o seguinte quadro (quadro número 12).

Quadro número 12: Frequências e percentagens de alunos que consomem ou não drogas, consoante o grupo a que pertencem no que respeita ao seu envolvimento em violência escolar

	Grupo Normativo				Grupo de Agressores				Grupo de Agredidos				Grupo e Agred. e Agres.			
	2.º ciclo		3.º ciclo		2.º ciclo		3.º ciclo		2.º ciclo		3.º ciclo		2.º ciclo		3.º ciclo	
	F.	%	F.	%	F.	%	F.	%	F.	%	F.	%	F.	%	F.	%
Não	120	99,2	72	98,6	12	80,0	4	100,0	25	100,0	5	100,0	10	100,0	4	100,0
Sim	1	,8	1	1,4	3	20,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Total	121	100,0	73	100,0	15	100,0	4	100,0	25	100,0	5	100,0	10	100,0	4	100,0

No que diz respeito ao consumo de drogas os únicos sujeitos que afirmam consumir drogas são os agressores da faixa etária mais baixa (20%) e depois os sujeitos que não se envolvem em violência escolar, tanto nos sujeitos do 2.º ciclo (0,8%) como do 3.º ciclo (1,4%).

Quadro número 13: Frequências e percentagens de alunos que consomem ou não tabaco, consoante o grupo a que pertencem no que respeita ao seu envolvimento em violência escolar

	Grupo Normativo				Grupo de Agressores				Grupo de Agredidos				Grupo de Agred. e Agres.			
	2.º ciclo		3.º ciclo		2.º ciclo		3.º ciclo		2.º ciclo		3.º ciclo		2.º ciclo		3.º ciclo	
	F.	%	F.	%	F.	%	F.	%	F.	%	F.	%	F.	%	F.	%
Não	117	96,7	56	76,7	11	73,3	4	100,0	25	100,0	5	100,0	8	80,0	4	100,0
Sim	4	3,3	17	23,3	4	26,7	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	20,0	0	0,0
Total	121	100,0	73	100,0	15	100,0	4	100,0	25	100,0	5	100,0	10	100,0	4	100,0

Relativamente ao consumo de tabaco, no caso dos sujeitos mais novos apenas nas vítimas a totalidade dos sujeitos afirma não fumar, enquanto que nos outros grupos se encontram sujeitos que consomem esta substância, sendo que os que mais a consomem são os agressores (26,7%), seguidos das vítimas agressoras (20%) e por último dos sujeitos que não se envolvem em violência escolar (3,3%). Já no caso dos sujeitos mais velhos, apenas os que não se envolvem em violência escolar afirma fumar (cerca de 23,3%), na medida em que em todos os outros grupos desta faixa etária 100% dos sujeitos afirma não fumar.

Quadro número 14: Frequências e percentagens de alunos que consomem ou não álcool, consoante o grupo a que pertencem no que respeita ao seu envolvimento em violência escolar

	Grupo Normativo				Grupo de Agressores				Grupo de Agredidos				Grupo de Agred. e Agres.			
	2.º ciclo		3.º ciclo		2.º ciclo		3.º ciclo		2.º ciclo		3.º ciclo		2.º ciclo		3.º ciclo	
	F.	%.	F.	%.	F.	%.	F.	%.	F.	%.	F.	%.	F.	%.	F.	%.
Não	99	81,8	35	47,9	8	53,3	2	50,0	21	84,0	4	80,0	8	80,0	4	100,0
Sim	22	18,2	38	52,1	7	46,7	2	50,0	4	16,0	1	20,0	2	20,0	0	0,0
Total	121	100,0	73	100,0	15	100,0	4	100,0	25	100,0	5	100,0	10	100,0	4	100,0

Quanto ao consumo de álcool, nos sujeitos mais velhos verifica-se que os que consomem mais álcool são o «Grupo Normativo» (52,1%) e o «Grupo de Agressores» (50%), enquanto que nos sujeitos mais novos os que consomem mais álcool são os indivíduos do «Grupo de Agressores» (46,7%), embora esta não seja uma percentagem positiva na medida em que mais de metade deste grupo (53,3%) afirma não consumir álcool. Os sujeitos que menos consomem álcool são, no grupo de alunos do 3.º ciclo, as vítimas agressoras (onde 100% afirma não consumir álcool), seguido das vítimas (onde 80% não consome bebidas alcoólicas). No grupo dos sujeitos do 2.º ciclo, os indivíduos que menos consomem álcool são as vítimas (das quais 84% afirma não consumir álcool), seguidas dos sujeitos que não se envolvem em violência escolar (81,8% afirma não beber álcool) e, por último, segue-se as vítimas agressoras (onde 80% afirma não consumir álcool). Em suma, à excepção do «Grupo dos Agredidos e Agressores» os alunos mais novos consomem menos álcool que os mais velhos, embora as diferenças não sejam grandes.

Deste modo, verifica-se que, no que diz respeito às substâncias aditivas em causa (drogas, tabaco e álcool), se não considerarmos os dados do grupo de sujeitos que não se envolvem em violência escolar, os indivíduos que mais consomem estas substâncias são os agressores mais novos no caso do tabaco e das drogas e os agressores nas duas faixas etárias no caso do álcool.

Assim sendo, pode-se considerar que os dados vão em parte ao encontro do que seria esperado, sendo que é no «Grupo de Agressores» que se encontra um maior consumo destas substâncias, embora não na totalidade, na medida em que no caso dos sujeitos mais velhos não há indivíduos que consumam drogas e tabaco nos grupos com envolvimento em situações de violência escolar. Ou seja, se não incluirmos na comparação os indivíduos que não se envolvem em comportamentos de violência escolar, são os agressores, principalmente no caso dos sujeitos do 2.º ciclo que mais consomem substâncias aditivas em comparação com as vítimas e as vítimas agressoras, embora se verifique que nos sujeitos mais

velhos não há consumo de álcool nos agressores. Esta propensão para as substâncias aditivas dos agressores vai ao encontro do que Olweus (2005) encontrou na sua investigação. Para além disso, os dados obtidos nesta investigação também vão ao encontro dos dados encontrados por Boulton e Smith (1994, citados por Carvalhosa e colaboradores, 2001) e por Berthold e Hoover (2000) que afirmam que as vítimas são as que menos consomem bebidas e alcoólicas e tabaco. Contudo, a única explicação que se parece encontrar para estes dados parece estar associada ao facto do número de sujeitos do 3.º ciclo incluídos na investigação ser inferior ao do 2.º ciclo, sendo que seria de esperar que os alunos mais velhos tivessem mais contacto com estas substâncias que os mais novos.

Relativamente à **questão de investigação número seis**, onde se espera que os alunos caracterizados como vítimas no fenómeno do «bullying» escolar possuam mais sintomas físicos e psicológicos em comparação com os alunos não envolvidos nestes actos e com os alunos considerados como agressores, veja-se o seguinte.

No que diz respeito a sintomas a análise será feita entre sintomas físicos e psicológicos. Nos sintomas físicos incluiu-se dores de cabeça e de estômago e nos psicológicos incluiu-se depressão e nervosismo.

Quadro número 15: Frequências e percentagens de como os sujeitos do 2.º ciclo têm como sintoma físico dor de cabeça

Grupos do 2.º ciclo	Normativo		Agressores		Agredidos		Agred. e Agres.	
	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.
Dor de cabeça								
Raramente ou nunca	84	69,4	11	73,3	13	52,0	5	50,0
Aproximadamente 1 vez por mês	12	9,9	1	6,7	5	20,0	2	20,0
Aproximadamente 1 vez por semana	12	9,9	0	0,0	2	8,0	2	20,0
Várias vezes	10	8,3	3	20,0	4	16,0	1	10,0
Aproximadamente todos os dias	3	2,5	0	0,0	1	4,0	0	0,0
Total	121	100,0	15	100,0	25	100,0	10	100,0

Relativamente aos sintomas físicos, no caso de dores de cabeça, nos sujeitos mais novos, note-se que a maioria dos sujeitos em todos os grupos afirma «raramente ou nunca» sentir dores de cabeça, à excepção do grupo das vítimas agressoras onde metade dos sujeitos afirma sentir dores de cabeça com alguma frequência (20% «aproximadamente 1 vez por mês», 20% «aproximadamente uma vez por semana» e 10% «várias vezes»). Dos que afirmam sofrer deste sintoma com maior frequência («várias vezes»), encontra-se no «Grupo dos Agressores» (20%), seguindo-se o «Grupo dos Agredidos» (16%), o «Grupo dos Agredidos e

Tese de Mestrado "Vítimas e Agressores de «BULLYING» Escolar" \_\_\_\_\_ Pág 45

«Agressores» (10%) e por último o «Grupo Normativo» (8,3%). É de salientar que, apesar de ser no «Grupo dos Agressores» que se verifica a maior percentagem de alunos a ter dores de cabeça com mais frequência que os outros grupos, é efectivamente nos grupos das vítimas (tanto nas vítimas como nas vítimas agressoras) que cerca de metade dos sujeitos tem dores de cabeça, tal como seria de esperar de acordo com a nossa questão de investigação.

Quadro número 16: Frequências e percentagens de como os sujeitos do 3.º ciclo têm como sintoma físico dor de cabeça

Grupos do 3.º ciclo	Normativo		Agressores		Agredidos		Agred. e Agres.	
	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.
Dor de cabeça								
Raramente ou nunca	43	58,9	4	100,0	4	80,0	1	25,0
Aproximadamente 1 vez por mês	19	26,0	0	0,0	1	20,0	1	25,0
Aproximadamente 1 vez por semana	3	4,1	0	0,0	0	0,0	1	25,0
Várias vezes	7	9,6	0	0,0	0	0,0	1	25,0
Aproximadamente todos os dias	1	1,4	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Total	73	100,0	4	100,0	5	100,0	4	100,0

No que diz respeito ao facto dos sujeitos do 3.º ciclo sentirem dores de cabeça verifica-se que, à excepção do «Grupo dos Agredidos e Agressores» onde apenas 25% dos indivíduos afirma «raramente ou nunca» sentirem dores de cabeça, a maioria dos sujeitos dos outros três grupos afirma não sofrer deste sintoma, sendo que no «Grupo dos Agressores» 100% dos sujeitos afirma não sofrer deste sintoma. Dos sujeitos envolvidos em situações de violência verifica-se que, tal como no caso das crianças mais novas, são os grupos das vítimas os que mais sofrem deste sintoma, embora as vítimas agressoras sofram mais que as vítimas de dores de cabeça. Assim sendo, também aqui os dados vão ao encontro do que seria esperado com base na questão de investigação levantada a este respeito.

Quadro número 17: Frequências e percentagens de como os sujeitos do 2.º ciclo têm como sintoma físico dor de estômago

Grupos do 2.º ciclo	Normativo		Agressores		Agredidos		Agred. e Agres.	
	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.
Dor estômago								
Raramente ou nunca	76	62,8	10	66,7	13	52,0	6	60,0
Aproximadamente 1 vez por mês	22	18,2	3	20,0	3	12,0	2	20,0
Aproximadamente 1 vez por semana	6	5,0	1	6,7	2	8,0	2	20,0
Várias vezes	16	13,2	1	6,7	6	24,0	0	0,0
Aproximadamente todos os dias	1	,8	0	0,0	1	4,0	0	0,0
Total	121	100,0	15	100,0	25	100,0	10	100,0

No que diz respeito ao sintoma físico dor de estômago no caso dos sujeitos do 2.º ciclo verifica-se que em todos os grupos a maioria dos sujeitos afirmam «raramente ou nunca» padecer deste sintoma. As percentagens mais elevadas de

Tese de Mestrado "Vítimas e Agressores de «BULLYING» Escolar" \_\_\_\_\_ Pág 46

sujeitos que afirmam sentir dores de estômago encontram-se no «Grupo dos Agredidos», 24% afirma que «várias vezes» o sente, seguindo-se o «Grupo dos Agredidos e Agressores», onde 20% afirma sentir dores de estômago «aproximadamente uma vez por semana» e outros 20% afirmam senti-lo «aproximadamente uma vez por mês», assim como no «Grupo dos Agressores».

Por conseguinte, no caso dos sujeitos mais novos, quanto ao sintoma físico dores de estômago, os dados vão ao encontro do que seria de esperar, na medida em que é nos grupos dos sujeitos caracterizados como sendo vítimas em episódios de violência escolar que se encontra um maior número de sujeitos a sofrer deste sintoma, embora a diferença seja pequena, comparativamente aos outros grupos.

Quadro número 18: Frequências e percentagens de como os sujeitos do 3.º ciclo têm como sintoma físico dor de estômago

Grupos do 3.º ciclo Dor estômago	Normativo		Agressores		Agredidos		Agred. e Agres.	
	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.
Raramente ou nunca	40	54,8	4	100,0	2	40,0	1	25,0
Aproximadamente 1 vez por mês	21	28,8	0	0,0	2	40,0	0	0,0
Aproximadamente 1 vez por semana	3	4,1	0	0,0	1	20,0	3	75,0
Várias vezes	9	12,3	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Aproximadamente todos os dias	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Total	73	100,0	4	100,0	5	100,0	4	100,0

No caso dos alunos do 3.º ciclo e a frequência com que estes sentem dores de estômago verifica-se que no «Grupo dos Agressores» a totalidade dos sujeitos «raramente ou nunca» sente este sintoma e que a maioria dos sujeitos do «Grupo Normativo» (54,8%) também não. No que concerne aos sujeitos identificados como sendo vítimas em situações de violência escolar verifica-se que a sua maioria sente dores de estômago (75% das vítimas agressoras sente dores de estômago «aproximadamente uma vez por semana» e no grupo das vítimas 40% sente «aproximadamente uma vez por mês» e 20% «aproximadamente uma vez por semana»), o que vai ao encontro do que seria de esperar tal como é sugerido pela questão de investigação.

Quadro número 19: Frequências e percentagens de como os sujeitos do 2.º ciclo têm como sintoma psicológico depressão e tristeza

Grupos do 2.º ciclo Deprimido(a)/triste	Normativo		Agressores		Agredidos		Agred. e Agres.	
	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.
Raramente ou nunca	89	73,6	10	66,7	9	36,0	5	50,0
Aproximadamente 1 vez por mês	9	7,4	2	13,3	4	16,0	0	0,0
Aproximadamente 1 vez por semana	8	6,6	0	0,0	5	20,0	1	10,0
Várias vezes	13	10,7	1	6,7	6	24,0	3	30,0
Aproximadamente todos os dias	2	1,7	2	13,3	1	4,0	1	10,0
Total	121	100,0	15	100,0	25	100,0	10	100,0

Relativamente aos sintomas psicológicos, nomeadamente depressão e tristeza, sentidos pelos alunos do 2.º ciclo verifica-se que tanto o «Grupo Normativo», como o «Grupo dos Agressores», são os que menos sofrem destes sintomas (73,6% e 66,7% respectivamente afirmam «raramente ou nunca» sentir estes sintomas). Já no caso do «Grupo dos Agredidos» a maioria dos sujeitos afirma sentir-se deprimido e triste com frequência, na medida em que apenas 36% responde que «raramente ou nunca» se sente desta forma. Dos restantes sujeitos deste grupo, 24% afirma sentir estes sintomas «várias vezes», 20% «aproximadamente 1 vez por semana», 16% «aproximadamente 1 vez por mês» e 4% «aproximadamente todos os dias». Quanto ao «Grupo dos Agredidos e Agressores», metade dos sujeitos afirma «raramente ou nunca» sentir-se desta forma, enquanto que na outra metade, 30% afirma sentir depressão e tristeza «várias vezes» e 10% «aproximadamente 1 vez por semana» e «aproximadamente todos os dias».

Isto vai ao encontro do que seria de esperar de acordo com a nossa questão de investigação onde se crê que os sujeitos caracterizados como vítimas nas situações de violência escolar sentem mais sintomas psicológicos como a depressão e a tristeza do que os outros sujeitos envolvidos nestas situações. Também é verdade que o «Grupo dos Agredidos e Agressores» sofre deste sintoma em maior número comparativamente aos agressores e aos alunos não envolvidos em violência escolar.

Quadro número 20: Frequências e percentagens de como os sujeitos do 3.º ciclo têm como sintoma psicológico depressão e tristeza

Grupos do 3.º ciclo Deprimido(a)/triste	Normativo		Agressores		Agredidos		Agred. e Agres.	
	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.
Raramente ou nunca	43	58,9	2	50,0	2	40,0	0	0,0
Aproximadamente 1 vez por mês	9	12,3	0	0,0	2	40,0	0	0,0
Aproximadamente 1 vez por semana	6	8,2	1	25,0	0	0,0	1	25,0
Várias vezes	11	15,1	1	25,0	1	20,0	0	0,0
Aproximadamente todos os dias	4	5,5	0	0,0	0	0,0	3	75,0
Total	73	100,0	4	100,0	5	100,0	4	100,0

No que diz respeito aos sujeitos do 3.º ciclo, quanto ao facto de se sentirem deprimidos e tristes, verifica-se que tanto no «Grupo Normativo» como no «Grupo dos Agressores» cerca de metade dos alunos raramente ou nunca se sente deprimido e triste. No «Grupo dos Agredidos» 40% dos sujeitos afirma sentir-se deste modo «aproximadamente 1 vez por mês» e 20% «várias vezes». Já no «Grupo dos Agredidos e Agressores» 75% afirma sentir-se deste modo «aproximadamente todos os dias» e 25% «aproximadamente 1 vez por semana».

Assim sendo, é possível afirmar que os dados vão ao encontro do que seria esperado com base na questão de investigação, na medida em que são as vítimas das situações de violência escolar que mais sentem depressão e tristeza, comparativamente aos agressores e aos que não se envolvem em violência escolar. Contudo, neste caso, os sujeitos que mais se sentem deprimidos e tristes são as vítimas agressoras, comparativamente às vítimas.

Quadro número 21: Frequências e percentagens de como os sujeitos do 2.º ciclo têm como sintoma psicológico o nervosismo

Grupos do 2.º ciclo	Normativo		Agressores		Agredidos		Agred. e Agres.	
	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.
Raramente ou nunca	84	69,4	8	53,3	9	36,0	7	70,0
Aproximadamente 1 vez por mês	10	8,3	1	6,7	3	12,0	0	0,0
Aproximadamente 1 vez por semana	7	5,8	4	26,7	2	8,0	2	20,0
Várias vezes	10	8,3	2	13,3	10	40,0	1	10,0
Aproximadamente todos os dias	10	8,3	0	0,0	1	4,0	0	0,0
Total	121	100,0	15	100,0	25	100,0	10	100,0

No que concerne ao facto dos indivíduos do 2.º ciclo sentirem nervosismo verifica-se que a maioria dos sujeitos em todos os grupos «raramente ou nunca» se sente nervoso, à excepção do «Grupo dos Agredidos» (onde apenas 36% afirma «raramente ou nunca» se sentir nervoso e 40% admite sentir-se assim «várias vezes»).

Deste modo, tal como seria de esperar com base na questão de investigação levantada em que são as vítimas de violência escolar quem mais manifesta sintomas psicológicos como o nervosismo, é o «Grupo dos Agredidos» que mais sente este sintoma, embora o «Grupo dos Agredidos e Agressores» não se possa incluir nesta situação, sendo que 70% «raramente ou nunca» se sente nervoso.

Quadro número 22: Frequências e percentagens de como os sujeitos do 3.º ciclo têm como sintoma psicológico o nervosismo

Grupos do 7.º, 8.º e 9.º ano	Normativo		Agressores		Agredidos		Agred. e Agres.	
	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.
Raramente ou nunca	44	60,3	1	25,0	1	20,0	2	50,0
Aproximadamente 1 vez por mês	11	15,1	0	0,0	4	80,0	0	0,0
Aproximadamente 1 vez por semana	6	8,2	0	0,0	0	0,0	1	25,0
Várias vezes	10	13,7	2	50,0	0	0,0	0	0,0
Aproximadamente todos os dias	2	2,7	1	25,0	0	0,0	1	25,0
Total	73	100,0	4	100,0	5	100,0	4	100,0

No caso dos alunos do 3.º ciclo quanto ao facto de se sentirem nervosos verifica-se que os sujeitos que menos são afectados por este sintoma são os do «Grupo Normativo» seguidos do «Grupo dos Agredidos e Agressores» (60,3% e

Tese de Mestrado "Vítimas e Agressores de «BULLYING» Escolar" \_\_\_\_\_ Pág 49

50% respectivamente afirmam «raramente ou nunca» sentir este sintoma). Dos sujeitos que mais se sentem nervosos temos as vítimas (80% afirma sentir-se nervoso «aproximadamente 1 vez por mês») e os agressores (50% sente-se nervoso «várias vezes» e 25% «aproximadamente todos os dias»).

Desta forma, os dados não vão totalmente ao encontro do que seria de esperar com base na questão de investigação levantada, na medida em que é efectivamente no grupo das vítimas que se encontra o maior número de sujeitos que afirmam sentir nervosismo, embora no grupo das vítimas agressoras apenas metade dos sujeitos se sinta nervoso e no grupo dos agressores se encontra 75% dos sujeitos a afirmar sofrer deste sintoma.

Desta forma, verifica-se que os dados vão ao encontro da nossa questão de investigação na medida em que são os alunos assinalados como vítimas e vítimas agressoras aqueles que afirmam ser mais afectados por sintomas físicos e psicológicos, no caso dos alunos do 2.º ciclo, comparativamente aos agressores e os que não se envolvem em situações de violência (à excepção do caso do nervosismo onde não se pode considerar o grupo das vítimas agressoras como sofrendo deste sintoma).

Enquanto que no caso dos alunos do 3.º ciclo os dados não vão completamente ao encontro do que seria de esperar tendo como base a nossa questão de investigação, sendo que no caso das dores de cabeça, nos sintomas físicos, o grupo das vítimas não é o que mais sofre deste sintoma, mas sim o grupo das vítimas agressoras, bem como nos sintomas psicológicos o grupo que mais sofre de depressão e tristeza é o grupo das vítimas agressoras, seguido do grupo das vítimas, mas no caso do nervosismo são as vítimas que mais padecem deste sintoma a par com o grupo dos agressores, o que é um dado curioso. Este nervosismo sentido pelos agressores pode-se relacionar com a própria situação de intimidação e vitimação dirigida aos outros, na medida em que, apesar desta situação dar gratificação e reforçar a auto-estima dos agressores, também deixa estes sujeitos nervosos e incomodados com o facto de poderem ser repreendidos por este facto por outros, nomeadamente pelos adultos.

Deste modo, os dados vão ao encontro dos resultados obtidos noutras investigações, onde os autores afirmam que as vítimas passivas são as que são mais deprimidas (Owens e colaboradores, 2000), mais nervosas (Sharp, 1995) e têm mais dores de cabeça e abdominais que os outros alunos (Boulton e Smith, 1994, citados por Carvalhosa e colaboradores, 2001). Olweus (2005) também concorda que as vítimas são mais deprimidas, tristes e com pensamentos de suicídio em comparação com os outros. Todavia, outros estudos consideram que

todos os grupos de sujeitos envolvidos no «bullying» estão associados à depressão e ao nervosismo (Seixas, 2006).

No que diz respeito à **questão de investigação número sete** onde se espera que os sujeitos do sexo masculino exerçam sobre os seus pares mais violência física e directa comparativamente aos sujeitos do sexo feminino que exercem mais violência indirecta e verbal, bem como relacional, veja-se o seguinte quadro (quadro número 23).

Quadro número 23: Frequências e percentagens de alunos que sofrem de violência física directa comparando sujeitos mais novos e mais velhos e dentro destes comparando também consoante o seu género

Desde que começou este ano lectivo, já houve alunos que te bateram?	2.º ciclo				3.º ciclo			
	Masc.		Fem.		Masc.		Fem.	
	Fre.	Per.	Fre.	Per.	Fre.	Perc.	Fre.	Perc.
Isso não me aconteceu neste ano lectivo	57	62,0	66	83,5	30	83,3	44	88,0
Uma ou duas vezes	25	27,2	10	12,7	6	16,7	4	8,0
Algumas vezes	5	5,4	3	3,8	0	0,0	1	2,0
Mais ou menos uma vez por semana	3	3,3	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Várias vezes por semana	2	2,2	0	0,0	0	0,0	1	2,0
Total	92	100,0	79	100,0	36	100,0	50	100,0

Tendo como base o quadro em cima é possível afirmar que os dados vão ao encontro do que seria esperado, tendo como base a questão de investigação, na medida em que são os alunos mais novos que mais praticam este tipo de violência directa e física comparativamente aos alunos mais velhos, bem como são os rapazes que mais manifestam agredir de forma física e directa os seus pares, comparativamente às raparigas. No caso das diferenças entre as faixas etárias, note-se que nos alunos mais novos as percentagens de alunos que afirmam sofrer deste tipo de violência escolar são de cerca de 38% no caso dos rapazes e 16,5% no caso das raparigas e de 16,7% e 12% no caso dos mais velhos, respectivamente. Relativamente ao género, note-se que, comparando os rapazes com as raparigas, as frequências são mais elevadas no caso masculino, embora esta diferença seja mais acentuada nos mais novos que nos mais velhos.

Quadro número 24: Frequências e percentagens de alunos que sofrem de violência verbal e indirecta comparando sujeitos mais novos e mais velhos e dentro destes comparando também consoante o seu género

Foste frequentemente provocado na escola este ano lectivo	2.º ciclo				3.º ciclo			
	Masc.		Fem.		Masc.		Fem.	
	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.
Não	42	45,7	48	60,8	20	55,6	30	60,0
Uma ou duas vezes	27	29,3	24	30,4	12	33,3	8	16,0
Algumas vezes	18	19,6	6	7,6	4	11,1	8	16,0
Mais ou menos uma vez por semana	1	1,1	0	0,0	0	0,0	1	2,0
Várias vezes por semana	4	4,3	1	1,3	0	0,0	3	6,0
Total	92	100,0	79	100,0	36	100,0	50	100,0

Tendo em conta o quadro em cima é possível afirmar que os dados não vão ao encontro do que seria esperado com base na questão de investigação levantada, onde se afirma que os alunos mais velhos usam mais este tipo de violência escolar em comparação com os mais novos, bem como que são as raparigas que mais manifestam este tipo de violência verbal e indirecta, comparativamente aos rapazes. Note-se que se verifica que os alunos mais novos e os rapazes usam mais este tipo de violência comparativamente aos mais velhos e às raparigas, respectivamente, na medida em que as percentagens de sujeitos que afirmam sofrer desta violência são de 54,3% nos rapazes e 39,2% nas raparigas nos alunos mais novos, enquanto que nos mais velhos é de 44,4% e 40% respectivamente. É de salientar que nos dois grupos a percentagem de raparigas que manifesta este tipo de violência é sensivelmente a mesma.

Assim sendo, os dados vão exactamente no sentido contrário do que seria de esperar sendo que são os mais novos e os rapazes que mais a usam, comparativamente aos mais velhos e às raparigas, respectivamente.

Quadro número 25: Frequências e percentagens de alunos que sofrem de violência relacional comparando sujeitos mais novos e mais velhos e dentro destes comparando também consoante o seu género

Acontece-te muitas vezes que outros alunos não te queiram fazer companhia na escola e que tu fiques sozinho(a)	2.º ciclo				3.º ciclo			
	Masc.		Fem.		Masc.		Fem.	
	Fre.	Perc.	Fre.	Perc.	Fre.	Perc.	Fre.	Perc.
Isso não me aconteceu neste ano lectivo	66	71,7	48	60,8	30	83,3	32	64,0
Uma ou duas vezes	12	13,0	22	27,8	5	13,9	8	16,0
Algumas vezes	10	10,9	5	6,3	0	0,0	3	6,0
Mais ou menos uma vez por semana	1	1,1	1	1,3	0	0,0	3	6,0
Várias vezes por semana	3	3,3	3	3,8	1	2,8	4	8,0
Total	92	100,0	79	100,0	36	100,0	50	100,0

Tendo em conta o quadro em cima é possível verificar que os dados não vão completamente ao encontro com o que seria esperado de acordo com a

questão de investigação levantada, pois não são os alunos mais velhos que mais manifestam o tipo de violência escolar relacional em comparação com os mais novos, embora na comparação do género se verifique que são efectivamente as raparigas que mais infligem esta violência escolar comparativamente aos rapazes. Ou seja, comparando os mais novos com os mais velhos e as raparigas com os rapazes, note-se que é no caso dos primeiros que se verificam mais sujeitos afectados por este tipo de violência escolar (16,7% e 36% dos indivíduos mais velhos afirmam sofrer violência escolar relacional entre o sexo masculino e feminino respectivamente, enquanto nos mais novos as percentagens são de 23% e 39,2% respectivamente). Deste modo, é possível afirmar que relativamente ao género são de facto as raparigas que usam mais este tipo de violência relacional, discriminando, hostilizando e rejeitando as suas vítimas. Pode-se considerar que esta questão se encontra, em parte, relacionada com questões de ordem cultural, na medida em que se associa mais a agressão física ao sexo masculino do que ao feminino, que assim recorre a outros tipos de agressão para praticar o «bullying» escolar.

Assim sendo, os dados encontrados comprovam que não só há diferenças em termos de género no «bullying» escolar, como essa diferença passa por consoante o sexo, manifestar tipos de violência escolar distintos. Contudo, os dados não vão na totalidade ao encontro do que seria de esperar, tendo como base a questão de investigação, nem ao encontro das conclusões de outros autores. Isto é, os dados são concordantes com os resultados de outras investigações, na medida em que são os alunos mais novos e os rapazes que mais agridem os seus pares de forma física e directa em comparação com os mais velhos e as raparigas, respectivamente, tal como afirma Crick (1997, 2000, citado por Martins, 2005a). Por outro lado, não foi possível comprovar a conclusão desse mesmo autor quanto à violência verbal e indirecta, sendo que este afirma que são os alunos mais velhos e as raparigas que mais a usam e os resultados neste estudo evidenciam o contrário. Com base nos dados, são os mais novos e os rapazes que mais usam este tipo de violência também, comparativamente aos mais velhos e às raparigas, respectivamente. Por último, no que respeita à violência relacional também se verifica uma incongruência relativamente ao que seria de esperar tendo como base a questão de investigação, sendo que são os mais novos que mais agridem desta forma e não os mais velhos. Todavia, os dados vão ao encontro do que seria de esperar, verificando-se que são de facto as raparigas que mais agridem de forma relacional, comparativamente aos rapazes. Com base nesta incompatibilidade dos dados, enquanto que outros autores verificaram diferenças entre os tipos de

Tese de Mestrado "Vítimas e Agressores de «BULLYING» Escolar" \_\_\_\_\_Pág 53

violência e a idade dos sujeitos (Olweus, 1997; Withney e Smith, 1993) e outros encontraram quanto ao género (Bjorkqvist e colaboradores, 1992; Crick, 1997, 2000, citado por Martins, 2005a; Owens e colaboradores, 2000), os resultados não comprovam por inteiro estas diferenças. Consequentemente, pode-se afirmar que não se verificam diferenças quanto ao tipo de violência escolar infligida e a idade, visto que seja qual for o tipo de violência são sempre os mais novos que mais agredem, embora se verifiquem diferenças quanto ao género, havendo tipos de violência mais característicos de um género que de outro.

No que diz respeito à **questão de investigação número oito** onde se espera que não haja diferenças quanto ao estatuto sócio-económico dos sujeitos que se envolvem em situações de violência escolar, tenha-se em conta o seguinte quadro (quadro 26).

Quadro número 26: Frequências e percentagens de como os alunos consideram o estatuto sócio-económico da sua família, comparando os grupos de alunos quanto ao seu envolvimento em violência escolar

Grupos	Normativo		Agressores		Agredidos		Agred. e Agres.	
	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.	Freq.	Perc.
Não sei	10	5,2	1	5,3	3	10,0	0	0,0
Nada bom	5	2,6	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Não muito bom	16	8,2	5	26,3	0	0,0	1	7,1
Médio	77	39,7	4	21,1	13	43,3	8	57,1
Bom	57	29,4	6	31,6	8	26,7	2	14,3
Muito bom	29	14,9	3	15,8	6	20,0	3	21,4
Total	194	100,0	19	100,0	30	100,0	14	100,0

No que diz respeito ao estatuto sócio-económico dos alunos verifica-se que, em quase todos os grupos, a maioria dos sujeitos considera que a família possui um estatuto sócio-económico médio, embora no «Grupo dos Agressores» a percentagem mais elevada de sujeitos (31,6%) considera o estatuto sócio-económico da sua família como «bom», 21,1% considera «médio e 26,3% considera «não muito bom».

Note-se que o «Grupo dos Agredidos e Agressores» é o que tem a maior percentagem de sujeitos que afirma ter um estatuto sócio-económico médio e é no «Grupo dos Agressores» que se verificam algumas diferenças em relação aos outros, embora estas diferenças sejam pequenas e não relevantes.

Assim sendo, verifica-se que os dados vão ao encontro do que seria de esperar tendo como base a questão de investigação levantada onde se afirma não haver diferenças quanto ao estatuto sócio-económico dos sujeitos relativamente ao

seu envolvimento em situações de violência escolar, dados estes encontrados também noutras investigações (Olweus, 1997; Martins, 2005a).

## 8 – CONCLUSÃO

A violência entre crianças é um tema relativamente recente na literatura e sobre o qual as investigações só começaram a ser desenvolvidas desde há pouco tempo, pois até então este era um tema que não era relevante. Contudo, tal como já foi referido anteriormente, nos dias de hoje a violência entre crianças e jovens é uma questão que se encontra presente na sociedade actual.

Já Piaget ao identificar as diferentes fases do desenvolvimento infantil observou que a agressividade é um sentimento que se encontra presente desde muito cedo na criança. É a forma como a criança lida com essa agressividade e a vira contra o exterior, contra si ou contra o outro, que nos dá uma noção da sua adaptabilidade. Assim sendo, a agressividade é algo natural e inerente ao ser humano. Contudo, o problema, tal como Dan Olweus (2005) o descreve, está no seu grau e na sua repetição no tempo.

Assim sendo, muitos têm sido os esforços para definir os conceitos de agressividade e violência e distinguir um do outro.

No que diz respeito ao «bullying», ou seja à violência escolar entre pares verifica-se que a definição deste conceito foi levada a cabo pelo autor Dan Olweus (1997, 2005), que desde então tem efectuado esforços para investigar como é que este fenómeno se desenrola e para caracterizar as suas diferentes componentes. Pode-se mesmo afirmar que a maioria dos estudos levados a cabo nesta área possuem como ponto de partida os trabalhos de Olweus, quer para a construção e testagem de hipóteses, quer para a validação dos seus resultados comparativamente aos que Olweus encontrou, entre outros.

Deste modo, pode-se afirmar que o pioneiro no domínio do «bullying» em termos específicos, da violência escolar em termos gerais, foi Dan Olweus. Em termos de teoria Olweus definiu que no «bullying» existem claramente dois grupos distintos: os agressores e as vítimas, sendo que as vítimas se dividem em vítimas passivas e agressivas (aquelas que são vítimas de agressões e que também agredem). Além disso, o autor elaborou um questionário com o qual levou a cabo as suas investigações, para definir a existência de fenómenos de «bullying» no ambiente escolar, caracterizá-los e caracterizar os seus intervenientes. Para além disso, outro contributo muito importante que Dan Olweus deu nesta matéria prende-se com o facto do autor ter elaborado um programa de prevenção do «bullying» que tem tentado pôr em prática em diferentes escolas.

Contudo, muitos outros autores se interessaram por este tema e tentaram investigá-lo, a maioria deles recorrendo ao trabalho de Olweus como ponto de partida, nomeadamente recorrendo ao seu questionário de «bullying» de modo a

poderem fazer uma comparação directa com os dados de Olweus, outros elaborando os seus próprios instrumentos ou recorrendo à observação directa, cruzando os dados com faixas etárias, classes sociais, entre outras variáveis.

Note-se que deste modo muitas investigações têm sido levadas a cabo, em diferentes países, sendo que até existe um trabalho conjunto entre vários países, em colaboração com a OMS (Organização Mundial de Saúde), o que permite comparar os resultados de Olweus com aqueles encontrados por outros autores de forma a confirmar a sua teoria ou a refutá-la.

Neste trabalho utilizou-se o questionário que a OMS recorre para investigar Comportamentos de Saúde em Crianças e Jovens em Idade Escolar, na medida em que através deste é possível estudar quais os alunos envolvidos em fenómenos de «bullying» escolar e caracterizá-los a partir daqui com base numa série de variáveis. Tendo como base os dados encontrados neste estudo, pode-se chegar às seguintes conclusões.

O «bullying» escolar é um fenómeno que afecta uma parcela da população escolar (sendo essa parcela cerca de um quarto no caso desta investigação, o que se pode considerar como um número elevado de alunos), afectando todos os intervenientes de forma negativa, tendo consequências nefastas para o desenvolvimento psicossocial dos sujeitos.

Como este fenómeno, apesar de desde sempre ter existido, nunca assumiu as dimensões que actualmente se têm verificado, torna-se urgente elaborar planos de prevenção e estratégias de intervenção que façam diminuir o «bullying» escolar.

Para tal, é imprescindível que se conheça a fundo todas as características dos intervenientes e da própria situação de violência escolar. Por conseguinte, apenas através da realização de investigações como esta se consegue conhecer o fenómeno a fundo, comparando com outras investigações e verificando quais são de facto as variáveis que estão relacionadas com a violência escolar.

É de salientar o facto de se identificar claramente diferentes grupos no fenómeno da violência escolar, que se distinguem uns dos outros, possuindo cada um características próprias. Encontra-se o grupo de indivíduos que não se envolve na situação de agressão ou vitimação, denominado neste estudo por «Grupo Normativo» e objecto de estudo por alguns autores como grupo de observadores dos episódios de violência, procurando identificar-se quais as suas atitudes nestas situações (de intervenção no apoio directo ou indirecto à vítima, defendendo-a ou chamando alguém para a ajudar, de indiferença, de incentivo da agressão ou de apoio ao agressor), sendo este um domínio novo nas investigações sobre este tema, muito relevante, na medida em que a atitude dos observadores em muito pode contribuir para influenciar a violência escolar, no sentido de incentivar ou

desmotivar os agressores a perpetuar as agressões. Para além disso, encontra-se o «Grupo dos Agressores», sujeitos que praticam a agressão em oposição ao grupo das vítimas que sofrem a agressão e a provocação. No grupo das vítimas, distingue-se as vítimas passivas (neste estudo denominadas como o «Grupo dos Agredidos» e as vítimas agressoras ou provocadoras, sujeitos que são agredidos e que também agredem, a que se apelidou «Grupo de Agredidos e Agressores» nesta investigação).

Em termos de números, concluiu-se que o grupo maior de sujeitos que participa na agressão é o grupo das vítimas passivas, seguido dos agressores e por último das vítimas agressoras. Ou seja, existe um certo número de agressores que agride várias vítimas, sendo destas a sua maioria vítimas passivas e um número reduzido de vítimas agressoras.

Apesar disso, também se concluiu que na realidade o «bullying» escolar é diferente consoante a idade dos alunos e consoante o seu género.

Os dados comprovam os resultados conseguidos noutras investigações, onde se verifica que o «bullying» diminui com a idade, sendo mais frequente nos alunos do 2.º ciclo do que no 3.º ciclo e que também é mais frequente nos rapazes que nas raparigas. A este respeito, investigações recentes concluíram que relativamente à idade e ao género não só o grau de agressão é diferente, como também o tipo de agressão. Isto é, nos sujeitos mais novos e do sexo masculino é mais frequente a agressão física e directa, comparativamente aos mais velhos e às raparigas, respectivamente, que recorrem mais à violência verbal e indirecta, bem como à violência relacional.

Com base nos dados recolhidos neste estudo, comprovam-se as conclusões de outros autores, tanto nas diferenças na frequência de «bullying» escolar quanto à idade (Diaz-Aguado e colaboradores, 2004; Smith e colaboradores, 1999, citados por Martins, 2005a) e quanto ao género (Olweus, 1997; Withney e Smith, 1993).

A explicação que se pode avançar para este facto parece ter que ver com o desenvolvimento de competências sociais na adolescência que parece fazer diminuir a manifestação de condutas agressivas com o aumento da idade (Martins, 2005a). Por outro lado, a adopção de *skills* de atitudes de tipo agressivo sempre foi mais adoptada com o sexo masculino do que com o feminino, o que se encontra directamente relacionado com uma questão de forte influência cultural, na medida em que as crianças desde muito cedo vão absorvendo estes padrões de comportamento, levando os rapazes a adoptar mais comportamentos agressivos que as raparigas.

Todavia, no caso das diferenças do tipo de agressão que outros autores apresentam, sendo a agressão física e directa mais frequente nos alunos mais

novos e nos rapazes e a agressão verbal e indirecta, bem como a relacional mais frequente nos mais velhos (Olweus, 1997; Withney e Smith, 1993) e nas raparigas (Crick, 1997, 2000, citado por Martins, 2005a), respectivamente, não se pode considerar que os dados obtidos nesta investigação os comprovem. Apesar de, no caso da agressão física e directa se verificar que claramente são os alunos mais novos e os rapazes que mais a praticam em comparação com os mais velhos e as raparigas, respectivamente, o que comprova os resultados de outras investigações, o mesmo não acontece nos outros tipos de violência escolar. No caso da violência verbal e indirecta, os resultados mostram que são os mais novos e os rapazes que mais a praticam, ou seja exactamente o oposto do que seria de esperar, com base noutros autores. E, no caso da violência relacional verifica-se que quem mais a manifesta são os mais novos e as raparigas o que apenas quanto ao género comprova os resultados de outros estudos (Crick, 1997, 2000, citado por Martins, 2005a). Estes resultados permitem concluir que o tipo de violência não é influenciado pela variável idade, mas sim pela variável género, embora se devesse estudar em investigações futuras a discrepância encontrada nestes resultados quanto ao género dos alunos e o tipo de violência manifestada.

No que diz respeito às características dos indivíduos envolvidos nas situações de «bullying» escolar outras características específicas diferem as vítimas dos agressores.

Relativamente ao ambiente em casa, Carvalhosa e colaboradores (2001) observaram que as famílias que utilizam *skills* de resolução de conflitos marcados pela agressividade são maioritariamente as famílias dos agressores, sendo que estes repetem o padrão de relação que possuem em casa. Exactamente pelo mesmo motivo, também seria de esperar que os sujeitos que em casa possuíssem um padrão de relação pautado pela violência dirigida a eles, fossem os que na escola são caracterizadas como vítimas, através de uma compulsão de repetição da situação de vítimas. Contudo, outras investigações concluíram que o grupo das vítimas passivas não difere em nenhuma variável do ambiente em casa com o grupo normativo (Schwartz e colaboradores, 1997) e que o tipo de família não é significativo no domínio do «bullying» escolar (Bosworth e colaboradores, 1999, citados por Martins, 2005a), tal como os dados encontrados neste estudo, o facto dos pais agredirem os alunos não influencia a sua condição de vítima ou de agressor na situação da violência escolar, apesar de vários autores (Dodge e colaboradores, 1994; Schwartz e colaboradores, 1997) considerarem que são factores de risco para a violência escolar, quer para a vitimação, quer para a agressão, a história familiar de maus-tratos, abuso e negligência, bem como os fracos vínculos entre os membros da família, os dados não comprovam este facto.

Já no que diz respeito ao ambiente escolar, as vítimas tendem a sentir a escola como um local pouco seguro e hostil (Berthold e Hoover, 2000). Os dados evidenciam que sem dúvida os indivíduos que não se envolvem em situações de violência sentem mais a escola como um lugar seguro comparativamente aos alunos envolvidos no «bullying» escolar. Destes últimos, os que mais sentem a escola como insegura são as vítimas, embora apenas as vítimas passivas porque no caso das vítimas agressoras o mesmo não se verifica, talvez devido ao facto de também agredirem os faça sentir-se inseguros no meio escolar. Contudo, relativamente aos agressores que seria de esperar que assumindo esse papel sentissem a escola como sendo um local seguro os dados não vão nesse sentido. Nem sempre os agressores sentem a escola como um local seguro, o que se pode relacionar com o facto de sendo agressores sentirem a escola como insegura com medo de serem denunciados ou apanhados na situação de agressão e sofrerem represálias por isso. É de salientar a este respeito que se verificaram algumas diferenças quanto à idade dos sujeitos nesta variável, nomeadamente no caso dos agressores metade destes sente-se seguro na escola «sempre», nos alunos mais novos, enquanto que, nos mais velhos, a mesma percentagem sente-se seguro apenas «às vezes» no ambiente escolar. Outra diferença a assinalar encontra-se no grupo das vítimas agressoras que no 2.º ciclo se sentem seguras na escola, enquanto que no 3.º ciclo não. Talvez com o aumento da idade a consciência de que a agressão é um factor de risco para o seu próprio bem-estar, no sentido de poderem ser descobertos na sua condição de agressores, lhes dê uma maior insegurança na escola. Todavia, os dados vão no sentido dos resultados encontrados noutras investigações em que as vítimas e os agressores “não parecem sentir-se bem na escola, porém são as vítimas que pior se sentem, (...) dado que é congruente com o facto da vitimação ocorrer no contexto escolar” (Martins, 2005a).

Por outro lado, os investigadores do «bullying» escolar também têm associado os comportamentos aditivos aos indivíduos agressores (Boulton e Smith, 1994, citados por Carvalhosa e colaboradores, 2001; Olweus, 2005; Seixas, 2005). A este respeito, relativamente ao consumo de tabaco, álcool e drogas dos indivíduos envolvidos em «bullying» escolar, verifica-se que são efectivamente os agressores que mais consomem estas substâncias, embora se verifique frequências mais elevadas nos alunos mais novos, contrariamente ao que seria de esperar (sendo que seria de esperar que os mais velhos, justamente pela entrada na adolescência ser mais propícia ao contacto e à experimentação destas substâncias, consumissem mais estes produtos que os mais novos), o que apenas se pode considerar relacionado com o facto do número de sujeitos que compõem

os grupo ser diferente, na medida em que se o grupo de alunos do 3.º ciclo fosse maior, talvez os dados fossem diferentes. Outra explicação para este facto pode ser que cada vez mais cedo os indivíduos começam a ter contacto com substâncias aditivas.

No que diz respeito à manifestação de sintomas físicos e psicológicos os autores deste tema têm verificado que são as vítimas que mais sentem dores de cabeça e abdominais (Boulton e Smith, 1994, citados por Carvalhosa e colaboradores, 2001), bem como são as mais nervosas (Sharp, 1995) e deprimidas (Owens e colaboradores, 2000; Olweus, 2005). Neste domínio os dados obtidos permitem concluir que de facto são as vítimas (passivas e agressoras) que mais padecem destes sintomas, embora os autores associem estes sintomas a todos os grupos envolvidos no «bullying». Contudo, há a salientar o facto dos agressores manifestarem sentir nervosismo com alguma frequência, o que é um dado curioso. Como explicação para este dado pode-se considerar o facto dos agressores não serem sujeitos tranquilos e da própria situação de agressão lhes causar um certo desconforto deixando-os nervosos. O facto de dirigirem toda a sua agressividade latente e interior para o exterior e para aos seus pares faz com que sejam indivíduos nervosos.

Assim sendo, parece urgente iniciar estratégias de prevenção e de intervenção no fenómeno do «bullying» escolar para colmatar as suas consequências.

A este respeito Olweus (2005) elaborou todo um plano de prevenção do «bullying» escolar e Cowie (2000, citado por Martins, 2005) sugere algumas estratégias de intervenção que passam pelo aconselhamento e mediação no contexto escolar, tendo em conta os diferentes grupos que se envolvem na violência escolar, bem como Diaz-Aguado (1992) afirma que diferentes tipos de estratégias pedagógicas podem ser levadas a cabo para prevenir e diminuir este fenómeno. Ramirez (2001) sugere que o programa de intervenção a este nível deve partir da instituição, sendo este um problema que afecta toda a população escolar, mas deve também ser tida em conta uma intervenção a nível familiar, sendo essencial inculcar na família a preocupação com este problema, bem como incitá-las a estabelecer condutas positivas.

Desta forma se verifica que muitas são as variáveis que têm influência na violência escolar, sendo que, de um modo geral as conclusões desta investigação vão ao encontro dos resultados de outros autores, embora não haja uma concordância quanto aos tipos de violência e as diferenças entre género e idade. Consequentemente, como sugestão para outras investigações, seria importante estudar a fundo as diferenças quanto ao tipo de violência e as diferenças entre o

género e a idade face à incompatibilidade verificada comparativamente aos resultados encontrados por outros autores.

Para além disso, tentando colmatar lacunas que existem no estudo deste tema, sugere-se que se defina melhor o papel do sujeito observador do fenómeno de violência escolar, que não intervém directamente na situação de agressão-vitimização, mas que a influencia directamente com a sua atitude. De acordo com Seixas (2006) “os investigadores têm subestimado o facto de que, como outras formas de agressão, o «bullying» na escola ocorre no seio de um contexto social, no qual é fundamental examinar os potenciais papéis que os pares desempenham face ao episódio”.

Por último, seria também importante confrontar os dados obtidos por questionários de nomeação pelos colegas e os de auto-preenchimento (como era um dos objectivos iniciais deste estudo que forçosamente foi abandonado, na medida em que para tal era exigida a identificação dos questionários o que não foi possível face à imposição do conselho executivo da escola de se manter os questionários anónimos e face ao risco de enviesamento dos dados, pois os sujeitos tendem a responder de acordo com o que é socialmente correcto, ao invés de responderem com a verdade). O objectivo seria confrontar os dados do questionário de nomeação pelos colegas com o questionário de auto-preenchimento, verificando-se se os alunos envolvidos em situações de «bullying» escolar reconhecem a sua posição de agressores ou de agredidos.

Resta referir que outro dos objectivos desta investigação também não foi levado a cabo devido à fraca adesão das escolas à participação no estudo, que passaria por comparar os dados de escolas públicas com privadas e escolas inseridas em bairros sociais, comparativamente a bairros onde o estatuto socio-económico dos alunos se considera mais elevado, embora se tenha concluído que o estatuto sócio-económico não influencia a violência escolar, já que de acordo com Withney e Smith (1993) a incidência de condutas agressivas parece ser mais elevada em escolas localizadas em meios desfavorecidos. Outra lacuna deste estudo prende-se com o facto do grupo de sujeitos do 2.º ciclo ser superior ao do 3.º ciclo devido ao número de alunos mais novos na escola em questão ser substancialmente superior ao número de alunos mais velhos, o que pode ter influenciado de alguma forma os resultados obtidos.

Fica então mais uma sugestão para investigações futuras que passa pela comparação de escolas públicas e privadas, na medida em que nas privadas parecem prevalecer factores como a disciplina, a coesão dos grupos, a supervisão dos alunos e um ambiente próximo e familiar, estes podem ter influência na prevalência do «bullying». Outra sugestão passa pela comparação entre escolas do

meio urbano e do meio rural. Note-se a este respeito que as investigações revelam que no meio rural o «bullying» parece ser menor que no meio urbano (Salmon e colaboradores, 1998, citados por Seixas, 2006).

Várias são ainda as hipóteses de investigação nesta área, até porque parece cada vez mais urgente colocar em prática planos de prevenção e intervenção neste domínio. “São vários os trabalhos realizados neste contexto, o que se traduz numa perspectiva crescentemente promissora e optimista, direccionada para a intervenção psicopedagógica, familiar e escolar, promovendo alterações comportamentais. (...) Só a intervenção e pesquisa científica podem contribuir para uma alteração substancial do rumo da nossa realidade, portanto cabe a todos criar condições que propiciem essa mudança, para que a Humanidade caminhe novamente no rumo certo” (Sousa, 2005).

## 9 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Bertão, A. (2004). "Violência, agressividade e indisciplina em emio escolar: perdidos em busca do amor". *Psycologica*, 36, 149-162.
- Berthold, K. & Hoover, J. (2000). "Correlates of bullying and victimization among intermidiate students in the Midwestern U.S.A.". *School Psychology International*, 21, 65-78.
- Bjorkqvist, K., Lagerspetz, K. & Kaukiainen, A. (1992). "Do girls manipulate and boys fight? Developmental trends in regard to direct and indirect aggression". *Aggressive Behavior*, 18, 117-127.
- Bjorkqvist, K. (1994). "Sex differences in physical, verbal and indirect aggression: A review of recent research". *Sex Roles*, 30 (314), 177-188.
- Carvalhosa, S., Lima, L. e Matos, M. (2001). "Bullying – A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português". *Análise Psicológica*, 4(XIX), 523-537.
- Diaz-Aguado, M. (1992). "Intervención psicoeducativa para desarrollar la tolerancia a la diversidad y la igualdad de oportunidades". In Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (Eds.), *Formação Pessoal e Social*, Lisboa.
- Dodge, K. A., Petti, G. S., & Bates, J. E. (1994). "Effects of physical maltreatment on the development of peer relations". *Development and Psychopathology*, 6 (1), 43-55.
- Martins, M. J. (2005). "Conduitas Agressivas na Adolescência: Factores de Risco e de Protecção". *Análise psicológica*, 2, série XXIII, 129-135.
- Martins, M. J. (2005a). "Agressao e Vitimação em Adolescentes em Contexto Escolar: Um estudo empírico". *Análise psicológica*, 4, série XXIII, 401-425.
- Olweus, D. (1997). "Bully/victim problems in school: facts and intervention". In: *European Journal of Psychology of Education*, 12 (4), 495-511.

➤ Olweus, D. (2005). “*The Olweus Bullying Prevention Group*”. Retirado em 22 de Abril de 2007 da World Wide Web

➤ Owens, L., Shute, R. & Slee, P. (2000). “«Guess what I just heard!» Indirect aggression among teenage girls in Australia”. *Aggressive Behavior*, 26 (1), 67-83.

➤ Ramirez, F. C. (2001). “*Conduitas agressivas na idade escolar*”. Amadora: McGraw Hill.

➤ Scharp, S. (1995). “How much does bullying hurt? The effects of bullying on the personal wellbeing and educational progress of secondary aged students”. *Educational and Child Psychology*, 12, 81-88.

➤ Schwartz, D., Dodge, K. A., & Coie, J. (1993). “The emergence of chronic peer victimization in boys’ play groups”. *Child Development*, 64 (6), 1755-1772.

➤ Schwartz, D., Dodge, K. A., Petti, G. S., & Bates, J. E. (1997). “The early socialization of aggressive victims of bullying”. *Child Development*, 68 (4), 665-675.

➤ Sousa, P. (2005). “*Agressividade em contexto escolar*”. Retirado em 22 de Abril de 2007 da World Wide Web: [www.psicologia.com.pt](http://www.psicologia.com.pt)

➤ Seixas, S. R. (2005). “Violência escolar: Metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas”. *Análise psicológica*, 2, série XXIII, 97-110.

➤ Seixas, S. R. (2006). “Comportamentos de Bullying entre pares, bem-estar e ajustamento escolar”. Dissertação de doutoramento. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Coimbra;

➤ Withney, I. & Smith, P. (1993). “A survey of the nature and extent of bullying in junior/middle and secondary schools”. *Educational Research*, 35 (1), 3-25.

## 10 - ANEXOS

Anexo número 1: Carta informativa aos encarregados de educação requerendo a autorização para a participação do seu educando no estudo

Exm.º Sr.º Encarregado de Educação

Venho por este meio pedir-lhe o seguinte. Encontro-me neste momento a elaborar a minha tese para o Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica, no Instituto Superior de Psicologia Aplicada, sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo Sá, que tem como tema central o “*BULLYING*” nas escolas portuguesas, fenómeno que tem atingido dimensões preocupantes e que carece de estudos que nos ajudem a caracterizá-lo para que possamos elaborar projectos de intervenção que nos permitam lidar com este fenómeno e evitá-lo.

Assim sendo, pretendo estudar o “*BULLYING*”, ou seja, a violência escolar, através da aplicação de questionários aos alunos entre o 5.º e o 9.º ano de escolaridade. Essa aplicação será individual e os questionários serão recolhidos numa única aula de Estudo Acompanhado ou Área Projecto, agendada com a direcção de turma.

Posto isto, agradeço que conceda a sua permissão para a participação do/a seu/sua educando/a neste estudo através do preenchimento dos questionários, assinando em baixo e remetendo esta carta para a escola no dia agendado.

Com os melhores cumprimentos,

\_\_\_\_\_  
Ana Patrícia Gonçalves

Outubro de 2008

-----  
Eu, encarregado/a de educação do/a aluno/a \_\_\_\_\_, do \_\_\_\_º ano, turma \_\_\_\_\_, n.º \_\_\_\_\_, venho por este meio dar a minha permissão para a participação do/a meu/minha educando/a neste estudo através do preenchimento dos questionários.

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

Anexo número 2: Carta informativa aos sujeitos que participaram no estudo

Caro (a) aluno/a

Venho por este meio pedir o seguinte. Encontro-me neste momento a elaborar a minha tese para o Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica, no Instituto Superior de Psicologia Aplicada, sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo Sá, que tem como tema central o “*BULLYING*” nas escolas portuguesas, fenómeno que tem atingido dimensões preocupantes e que carece de estudos que nos ajudem a caracterizá-lo para que possamos elaborar projectos de intervenção que nos permitam lidar com este fenómeno e evitá-lo.

Assim sendo, pretendo que respondas aos questionários em anexo, não deixando nenhuma questão em branco, sem resposta. Preenche primeiro o cabeçalho identificativo da folha seguinte, com os teus dados, que servirão apenas para tratamento estatístico, sendo que todos os dados são confidenciais. De seguida inicia o preenchimento dos questionários.

Tem em conta que não existem respostas correctas nem erradas e responde sempre com a verdade e não com o que achas correcto responder. Após o preenchimento certifica-te de que não ficou nenhuma questão sem resposta,.

Muito obrigada pela tua colaboração. Só assim conseguiremos compreender este fenómeno e elaborar planos de intervenção e prevenção.

Com os melhores cumprimentos, subscrevo,

---

Ana Patrícia Gonçalves

Outubro de 2008

Anexo número 3: Questionário de Comportamentos de Saúde em Crianças e Jovens em Idade Escolar

## Questionário “Comportamentos de saúde em jovens em idade escolar”

### 1. Carreira

1. O que pensas fazer depois da escolaridade obrigatória (depois do 9º ano)?

Continuarei os meus estudos para entrar na Universidade

Irei para uma escola profissional

Irei aprender um ofício

Irei trabalhar

Irei para o desemprego

Não sei

### 2. Higiene

2. Lavas os dentes...

Mais do que uma vez por dia

Uma vez por dia

Pelo menos uma vez por semana, mas não todos os dias

### 3. Alimentação

3. Comes ou bebes os seguintes alimentos? (Uma só resposta para cada linha)

	Várias vezes por dia	Uma vez por dia	Todas as semanas mas não todos os dias	Raramente	Nunca
Frutas					
Legumes crus (alface, tomate, cenoura,...)					
Legumes cozinhados (espinafres, bróculos, couves,...)					
Coca-cola, sumos/refrigerantes					
Chocolates, bombons					
Bolos ou pastelaria					
Pacotes de batatas fritas					
Hamburger, cachorro-quente ou salsichas					
Pão integral, cereais					
Leite					
Café					
Bebidas energéticas (redbull, etc.)					

4. Fazes dieta para perder peso?

Não, o peso está bom

Não, mas preciso de perder peso

Sim

### 4. Tabaco

5. Já fumaste tabaco alguma vez?

Sim

Não

6. Presentemente, fumas...

Todos os dias

Pelo menos uma vez por semana mas não todos os dias

Menos de uma vez por semana

Não fumo

7. Com que idade começaste a fumar todos os dias? Tinha \_\_\_\_\_ anos

Não fumo ou não fumo todos os dias

### 5. Álcool

8. Já bebeste álcool (cerveja, vinho ou bebidas fortes como o Whisky)?

Sim

Não

9. Presentemente, quantas vezes bebes essas bebidas alcoólicas (por exemplo cerveja, vinho ou bebidas fortes), mesmo que sejam pequenas quantidades? (Uma só resposta para cada linha)

	Todos os dias	Todas as semanas	Todos os meses	Raramente	Nunca
Cerveja					
Vinho					
Licores, bebidas alcoólicas fortes					
Sumos com álcool					
Outro álcool					

10. Já ficaste verdadeiramente embriagado(a)?

Não, nunca

Sim, uma vez

Sim, 2 - 3 vezes

Sim, 4 – 10 vezes

Sim, mais de 10 vezes

### 6. Drogas ilegais

11. Já tomaste alguma vez um ou vários destes produtos na tua vida? (Uma só resposta para cada linha)

	Nunca	Uma vez	Várias vezes	Frequentemente	Não conheço
Erva, marijuana, haxixe (charro)					
Ecstasy					
Estimulantes (anfetaminas, speed's)					
Heroína, ópio, morfina, crack					
Medicamentos para te drogares					
Cocaína					
Cola ou solventes respirados					
LSD					

12. Se qualquer pessoa te oferecesse um destes produtos, tu aceitarias?

	Sim	Talvez	Não	Não conheço
Erva, marijuana, haxixe (charro)				
Ecstasy				
Estimulantes (anfetaminas, speed's)				
Heroína, ópio, morfina, crack				
Medicamentos para te drogares				
Cocaína				
Cola ou solventes respirados				
LSD				
Outras				

13. As pessoas consomem drogas porque...

Os seus amigos também tomam

Querem experimentar

Gostam dos efeitos da droga

Se sentem melhor quando tomam drogas

Não podem passar sem ela

Existem drogas nos lugares onde costumam ir

Se sentem sós

14. Com que idade tiveste a primeira experiência com a droga?

Tinha \_\_\_\_\_ anos

Nunca experimentei

## 7. Corpo e saúde

15. Relativamente à tua saúde, achas que és....

Bastante saudável

Saudável

Pouco saudável

16. Sentes-te muitas vezes só?

Sim, quase sempre

Sim, muitas vezes

Sim, de vez em quando

Não

17. Durante estes últimos seis meses, tens tido... (Uma só resposta para cada linha)

	Aproximadamente todos os dias	Várias vezes	Aproximadamente uma vez por semana	Aproximadamente uma vez por mês	Raramente ou nunca
Dor de cabeça					
Dor de estômago/barriga					
Dor de costas					
Dificuldade em adormecer					
Vertigens ou tonturas					

18. Ao longo dos últimos seis meses, tens sentido... (Uma só resposta para cada linha)

	Aproximadamente todos os dias	Várias vezes	Aproximadamente uma vez por semana	Aproximadamente uma vez por mês	Raramente ou nunca
Deprimido(a)/triste					
Mau-humor ou irritabilidade					
Nervosismo					
Cansaço					

19. De um modo geral, como te sentes na vida actualmente?

Sinto-me muito feliz

Sinto-me feliz

Sinto-me pouco feliz

Sinto-me infeliz

20. Durante o último mês, tomaste medicamentos para curar os seguintes problemas?

	Sim, várias vezes	Sim, uma vez	Não
Dor de cabeça			
Dor de estômago/barriga			
Dificuldade em adormecer			
Nervosismo			
Cansaço			

### 8. Percepção do corpo

21. Existe algo no teu corpo que tu gostasses de mudar?

Sim

Não

22. Tu pensas que estás...

Demasiado magro(a)

Um pouco magro(a)

Ideal

Um pouco gordo(a)

Muito gordo(a)

Não penso nisso

23. Como achas a tua aparência? Pensas que és fisicamente atraente, bonito(a)?

Muito atraente fisicamente

Atraente

Mais ou menos na média

Não muito atraente fisicamente

Nada atraente

Não me interessa pela minha aparência física

**9. Confiança em si**

24. Sentes-te

	Sempre	Frequentemente	Às vezes	Raramente	Nunca
Rejeitado(a), posto(a) de lado					
Fraco(a), incapaz					
Confiante em ti mesmo					

**10. Relações com o meio**

25. Quem vive contigo na tua casa? Se os teus pais vivem separados, responde considerando o local onde vives mais tempo.

	Vive comigo	Não vive comigo	Não tenho
A minha mãe			
O meu pai			
A minha madrasta			
O meu padrasto			
A(s) minha(s) irmã(s)			
O(s) meu(s) irmão(s)			
Meu(s) avó(s)			
Outras pessoas. Quem? _____			

26. De uma maneira geral, como te sentes com os teus pais? (Uma só resposta para cada linha)

	Muito bem	Bem	Não muito bem	Nada bem
Com a minha mãe				
Com o meu pai				

27. É para ti fácil falar dos teus problemas com as seguintes pessoas? (Uma só resposta para cada linha)

	Muito fácil	Fácil	Difícil	Muito difícil	Não falo	Não tenho essa pessoa
Teu pai...						
Tua mãe...						
Teu(s) irmão(s) mais velho(s)...						
Tua(s) irmã(s) mais velha(s)...						
Teus amigos...						
Tuas amigas...						
Uma outra pessoa adulta...						

## 28. Preocupo-me ... (Escolhe os problemas que te causam maior preocupação)

Porque o meu pai e/ou a minha mãe não me compreendem

Porque o meu pai e/ou a minha mãe não tratam de mim

Porque os meus pais não se entendem

Porque o meu pai e/ou a minha mãe me bate(m)

Porque não me entendo com um (ou vários) dos meus irmãos ou irmãs

Porque não tenho verdadeiros amigos

Porque não tenho sucesso com o sexo oposto

Porque me chateiam ou gozam na escola

Porque não sou bom na escola

Porque me aborreço na escola

Porque a minha família não tem dinheiro que chegue

Porque não tenho uma mesada suficiente

Porque há qualquer coisa acerca do meu corpo que eu não gosto

Porque não estou à vontade com os outros

Porque não sei o que quero fazer na vida

Porque não estou de boa saúde

Porque \_\_\_\_\_

Não tenho preocupações

## 29. Acerca do relacionamento com os teus pais, com que frequência acontecem as seguintes situações? (Uma só resposta para cada um deles)

		Todos os dias	1 a 6 vezes por semana	1 a 3 vezes por mês	Menos frequentemente	Nunca
Ralham comigo	Mãe					
	Pai					
Falo-lhes das minhas preocupações	Mãe					
	Pai					
Dão-me bofetadas	Mãe					
	Pai					
Brinco com eles	Mãe					
	Pai					
Partilhamos passatempos, tempos livres	Mãe					
	Pai					
Fazem-me carinhos	Mãe					
	Pai					
Dão-me palmadas	Mãe					
	Pai					
Puxam-me o cabelo	Mãe					
	Pai					
Proíbem-me de sair	Mãe					
	Pai					
Discuto com eles	Mãe					
	Pai					
Batem-me	Mãe					
	Pai					

30. Todos temos pequenos defeitos: quais são aqueles que melhor correspondem às pessoas com quem tu vives? (Várias respostas possíveis para cada linha)

	Pai	Mãe	Padrasto se tiveres	Madrasta se tiveres	Irmão(s) ou irmã(s) se tiveres	Nenhum tem esse defeito
Fuma muito						
Trabalha muito						
Bebe muito álcool						
Não trata de mim						
Não fala comigo o suficiente						
Enerva-se rapidamente						
Bate-me						
Não se interessa por mim						

### 11. Desporto

31. Quantas vezes praticas desporto fora do horário da escola?

Todos os dias

4 a 6 vezes por semana

2 a 3 vezes por semana

1 vez por semana

1 vez por mês

Menos de uma vez por mês

Nunca

32. Fora do horário da escola, quantas horas por semana praticas desporto?

Nenhuma

Perto de meia hora por semana

Perto de uma hora por semana

Entre 2 a 3 horas por semana

Entre 4 a 6 horas por semana

7 ou mais horas

33. Fazes parte de algum clube ou equipa desportiva?

Sim

Não

34. Com que frequência praticas os seguintes desportos (fora do horário da escola)?

	Nunca	Menos de 1 hora por semana	1 a 4 horas por semana	Mais de 4 horas por semana
Patins, skate				
Bicicleta, BTT				
Natação				
Ciclismo				
Futebol				
Atletismo				
Dança				
Karaté, judo (artes marciais)				
Andebol				
Basquetebol				
Voleibol				
Ginástica				
Outro _____				

## 12. Televisão e jogos electrónicos

35. Em geral, quantas horas por dia vês televisão?

Nenhuma

Menos de meia hora por dia

Entre meia hora e uma hora por dia

2 a 3 horas por dia

Perto de 4 horas por dia

Mais de 4 horas por dia

36. Em geral, quantas horas por semana jogas com jogos electrónicos (computador, televisão, game boy, sega, etc...)?

Nenhuma

Menos de 1 hora por semana

1 a 3 horas por semana

4 a 6 horas por semana

7 a 9 horas por semana

10 ou mais horas por semana

## 13. Os colegas

37. Dá uma resposta para cada uma das seguintes frases que se referem aos teus amigos. Os meus amigos...

	Todos	A maior parte	Alguns	Poucos	Nenhum	Não sei
Fumam						
Gostam da escola						
Pensam que é importante ter boas notas na escola						
Dão-se bem com os seus pais						
Têm armas (facas, etc.)						
Consumem produtos para se drogar						
Já ficaram embriagados						
Praticam desporto em clubes						

38. Tens o hábito de passar tempo com os teus amigos assim que saís da escola?

Sim, 4 a 5 vezes por semana

Sim, 2 a 3 vezes por semana

1 vez por semana ou mais raramente

Não tenho amigos de momento

39. Geralmente, quantas vezes (noites) por semana saís com os teus colegas?

Saio \_\_\_\_\_ noites por semana

40. Tens quantos amigos íntimos?

Nenhum

Um(a)

Dois

Três ou mais

41. É fácil ou difícil para ti fazer novos(as) amigos(as)?

Muito fácil

Fácil

Difícil

Muito difícil

#### **14. A escola**

42. O que acham os teus professores do teu nível escolar, comparado ao dos teus colegas? Eles pensam que o meu nível é....

Muito bom

Bom

Médio

Fraco

43. Este ano, o que pensas da escola?

Gosto muito

Gosto um pouco

Não gosto muito

Não gosto nada

44. Sentes-te pressionado ou ansioso com os trabalhos da escola?

Nada ansioso

Um pouco ansioso

Ansioso

Muito ansioso

45. Achas que a escola é aborrecida?

Sempre

Frequentemente

Às vezes

Raramente

Nunca

46. Acontece-te ficares cansado de manhã quando vais para a escola?

Raramente ou nunca

Ocasionalmente

1 a 3 vezes por semana

4 ou mais vezes por semana

Considera-se uma provocação quando um aluno ou um grupo de alunos disseram ou fizeram alguma coisa desagradável a outro, se o gozaram, se o provocaram, se o agrediram ou chatearam de uma forma que ele não gostou. Não se considera provocação quando dois alunos da mesma idade ou tamanho se envolveram numa discussão ou briga.

47. Foste frequentemente provocado na escola este ano lectivo?

Não

Uma ou duas vezes

Algumas vezes

Mais ou menos uma vez por semana

Várias vezes por semana

48. Tens provocado ou maltratado outros colegas da escola neste ano lectivo?

Não

Uma ou duas vezes

Algumas vezes

Mais ou menos uma vez por semana

Várias vezes por semana

49. Acontece-te muitas vezes que outros alunos não te queiram fazer companhia na escola e que tu fiques sozinho(a)?

Isso não me aconteceu neste ano lectivo

Uma ou duas vezes

Algumas vezes

Mais ou menos uma vez por semana

Várias vezes por semana

50. Desde que começou este ano lectivo, já houve alunos que te bateram?

Isso não me aconteceu neste ano lectivo

Uma ou duas vezes

Algumas vezes mas não todas as semanas

Mais ou menos uma vez por semana

Várias vezes por semana

51. Já levaste alguma arma para a escola (facas, cacetetes, etc...)?

Sim, frequentemente

Sim, algumas vezes

Não

52. Ao longo do último mês, por qual ou quais destas situações passaste? (várias respostas são possíveis)

Bati-me com outro colega

Vários colegas se uniram contra mim

Juntámo-nos contra outro colega

Um professor bateu-me ou deu-me uma bofetada

Bati (ou batemos) num professor

Fui roubado (objectos ou dinheiro)

Fui obrigado (ser forçado a dar um objecto ou dinheiro)

Outra \_\_\_\_\_

Nenhuma dessas formas de violência

53. Costumas faltar à escola não porque estejas doente mas porque desejas fazer outra coisa qualquer?

Sim, pelo menos uma vez por mês

Sim, mas raramente

Não, nunca

54. Já chumbaste algum ano?

Sim, duas vezes

Sim, uma vez

Não, nunca

55. Sentes-te seguro(a) na escola?

Sempre

Frequentemente

Às vezes

Raramente

Nunca

56. Desde o início deste ano bateste nalgum aluno?

Isso não aconteceu neste ano lectivo

Uma ou duas vezes

Algumas vezes mas não todas as semanas

Mais ou menos uma vez por semana

Várias vezes por semana

57. Escolhe, se faz favor, uma resposta para cada frase em relação à escola

	Sempre	Frequentemente	Às vezes	Raramente	Nunca
Os meus pais esperam demais de mim em relação à escola					
Os meus professores esperam demais de mim em relação à escola					

58. Lê atentamente cada uma das seguintes frases acerca da escola. Por cada frase escolhe uma resposta

	Sempre	Frequentemente	Às vezes	Raramente	Nunca
Na minha escola têm em consideração as propostas dos alunos para tomarem decisões					
Na minha escola os alunos são tratados de forma severa					
Na minha escola as regras são justas					
É agradável estar na minha escola					
Eu gosto e defendo a minha escola					

59. Escolhe, se faz favor, uma resposta para cada frase acerca do(s) teu(s) professor(es)

	Sempre	Frequentemente	Às vezes	Raramente	Nunca
Os meus professores encorajam-me a expressar a minha opinião na sala de aula					
Os meus professores tratam-me com justiça					
Os meus professores ajudam-me quando preciso					
Os meus professores interessam-se por mim como pessoa					

60. Escolhe, se faz favor, uma resposta para cada frase acerca dos alunos da tua turma (uma só resposta para cada linha)

	Sempre	Frequentemente	Às vezes	Raramente	Nunca
Os alunos da minha turma gostam de estar juntos					
A maior parte dos meus colegas são simpáticos e prestáveis					
Os meus colegas aceitam-me como eu sou					

61. Escolhe, se faz favor, uma resposta para cada frase acerca dos teus pais (se os teus pais vivem separadamente, responde em relação àquele com o qual tu vives a maior parte do tempo)

	Sempre	Frequentemente	Às vezes	Raramente	Nunca
Se tenho problemas na escola, os meus pais estão prontos a ajudarem-me					
Os meus pais estão dispostos a vir à escola falar com o(s) meu(s) professor(es)					
Os meus pais encorajam-me a ter bons resultados na escola					

### 15. Nível de vida familiar

62. A tua família tem carro (ou carrinha)?

Não

Sim, um

Sim, dois ou mais

63. Tens um quarto só para ti?

Sim

Não

64. Como consideras o nível financeiro da tua família?

Muito bom

Bom

Médio

Não muito bom

Nada bom

Não sei

65. Durante o último ano, quantas vezes viajaste com a tua família em férias?

Nunca

Uma vez

Duas vezes

Mais do que duas vezes

Muito obrigado pela tua colaboração!